

# REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

## Revista Moderna

Artes e Lettras

### Summario :

JOAQUIM NABUCO

Domicio da Gama

O PERIGO AMARELLO

y

ECHOS DO LITTORAL

C. Jordano

A QUINZENA POLITICA

M. Botelho

O DEUS DOS TISICOS

Arnaldo Fonseca

KLONDIKE

Thomas Sweet

UM PRINCIPE EXPLORADOR

M. Botelho

A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES

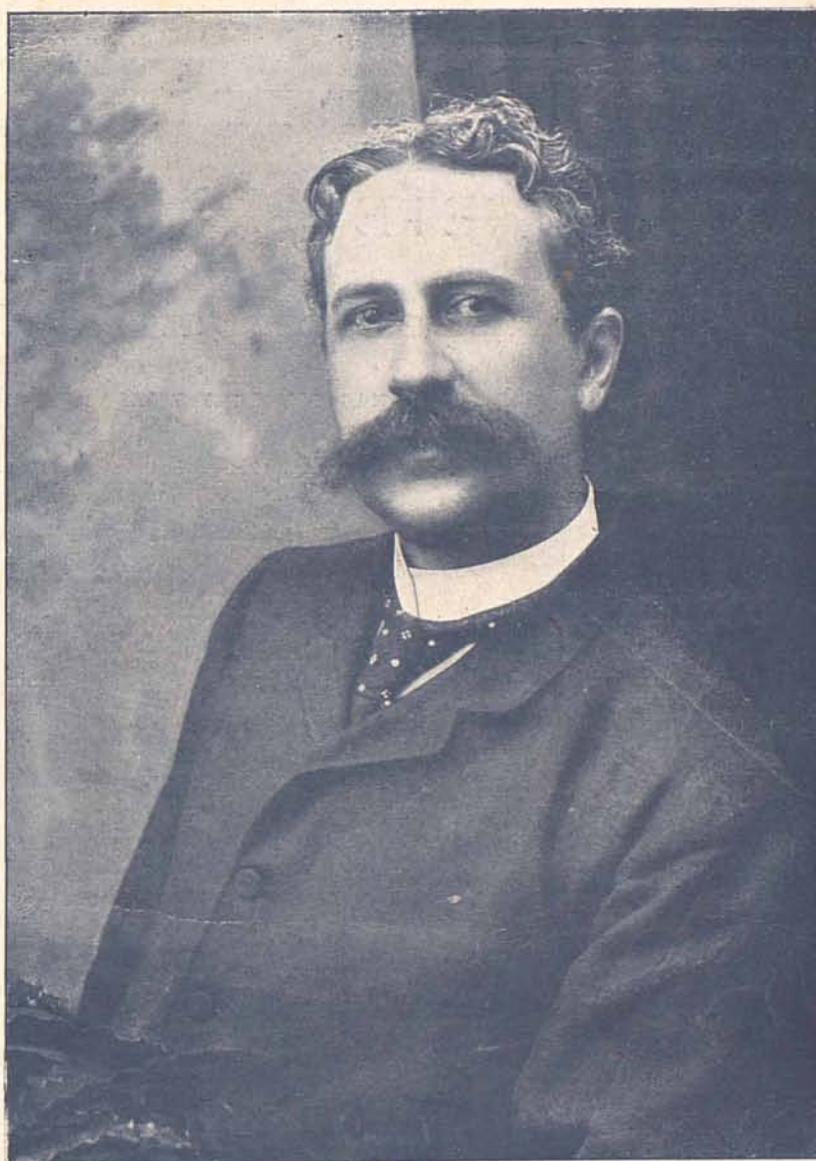
EÇA DE QUEIROZ

NOTICIARIO ILLUSTRADO

2º LIÇÃO DE CANTO

P. Marcel

SPORT



JOAQUIM NABUCO

Redacção e Administração : 48, Rue de Laborde - PARIS

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

O INCOMPARAVEL SABONETE

**MONKEY BRAND**

*Sem Rival para limpar toda a especie de metal*

RENOVA COMPLETAMENTE DANDO O LUSTRO PRIMITIVO

O SABONETE MONKEY BRAND

Fabricado por BROOKE'S

É EMPREGADO NAS MELHORES CASAS DA EUROPA E AMERICA

**MACDOUGAL & COMPANY**  
**SCOTCH TAILORS**  
1, rue Auber.  
**PARIS.**

*(Au Coin de la rue Scribe)*



55, RUE D'EPERNAY, 55  
BRUXELLAS

Fabrica em Namur  
Belgica

**LEUSSEU FILS & C<sup>o</sup>**

*Fabricantes de Armas de Precisão*

ESTABELECIDOS EM 1874

55, RUE D'EPERNAY, 55  
BRUXELLAS

Fabrica em Namur  
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça ; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explo-rações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

# REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde, PARIZ.

## NOSSO PRIMEIRO VOLUME

Como n'outro logar annunciámos temos á disposição dos nossos leitores o primeiro volume da *Revista Moderna*, artisticamente encadernado em capas espezias de um grande e artistico effeito.

Estas capas que são em *toile* muito forte e d'excelente qualidade, podemos fornecel-as em separado aos nossos assignantes que fizerem o pedido aos nossos agentes ou directamente a esta administração.

O preço d'estas capas, verdadeiramente artisticas é de 3,500 reis no Brazil e de 700 reis em Portugal.

## A IMPRENSA DE PORTUGAL E DO BRASIL

Agradecemos, penhorados, o acollimento que tem concedido á nossa publicação. O n.º 13 da *Revista Moderna*, consagrado á rainha D. Amélia, obtève no glorioso paiz de que ella é tão amada soberana, um successo extraordinario. O n.º 14, que publica um retrato do Pontífice Leão XIII, ao qual acompanhava um bello ortigo do conhecido e apreciado jornalista Silva Bastos, foi lido com prazer nos dois paizes a que a nossa Revista se destina. Sem enumerar as folhas brazileiras e portuguezas que nos têm lisonjeado com encomias-

tas referencias — pois receíamos olvidar involuntariamente algumas — agradecemos o constante apoio que nos têm ellas prestado, tornando dia a dia mais conhecida a *Revista Moderna*.

— A *Revista Moderna* vende-se em Pariz, no seu escriptorio, 48, rue de Laborde e na *Librairie Moderne*, 15, boulevard des Italiens. É tambem encontrada nos kiosques de jornaes situados em frente ao Grand Hôtel, no boulevard des Capucines.

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS

— *Sport Universel*. — Temos os n.ºs 84 e 85, datados de 26 de Fevereiro e 5 de Março.

— *Le Brésil*. — O numero de 27 Fevereiro vem, como habitualmente, muito noticioso. Os ultimos acontecimentos de ordem politica são tratados com a costumada imparcialidade. « *Le Brésil* » merece, seguramente, ser lido por quantos se interessam pelo paiz que lhe deu o nome.

— *Antonio Maria*. — Os n.ºs 463 e 464 estão cheios de *verve*. O lapis inspirado de Raphael Bordallo Pinheiro critica com espirito a politica portugueza, sempre com muita graça e sem offensa pessoal. O « *Antonio Maria* » é um dos mais chistosos jornaes humoristicos de que temos conhecimento.

— N.ºs 465 e 466, O ultimo traz o retrato do conde de S. Marçal, um dos fundadores do « *Diario de Noticias* », ha pouco fallecido.

— *L'Épopée maritime des Portugais*. — Esta obra tem como sub-titulo: Vasco da Gama et le Camoëns. O Sr. José Carlos de Faria e Castro, auctor d'esse trabalho consciencioso, revela erudição e dá mostras de um patriotismo alevantado e sincero,

— *A Moda élégante*. — N.ºs 8, 9 e 10

(2.º anno) interessantes, como de costume. Os nossas leitoras não perderão, certamente, em consultar esse novo jornal de modas.

— *L'Artistic-Brazil*. — Temos á vista o n.º 4 d'este jornalzinho illustrado, habilmente dezenhado, espirituosamente escripto pelo joven brazileiro, Sr. Luiz de Castro, neto do fallecido redactor-chefe do *Jornal do Commercio*. A pagina relativá á arbitragem franco-brazileira é bem feita. Nas paginas centraes, ha boas piadas, anedoctas, etc. Desejamos sinceramente ao talentoso moço que dirige *L'Artistic-Brazil* toda prosperidade pois que muito merece a sua publicação. Se ás suas reaes qualidades artisticas o Sr. Luiz de Castro reunir a tenacidade, pôde contar com um futuro luminoso.

— *Bruno*. — « *O Brazil mental* » É um grande trabalho, que merece detida e attenta leitura. Com vagar nos pronunciaremos a respeito do livro do Sr. Bruno.

— *Revue illustrée*. — N.º 6 (13.º anno), datado de 1.º de Março de 1898. Encerra artigos grandemente interessantes, entre os quaes destacamos um estudo relativo ao pontífice Leão XIII; um estudo sobre Cyrano de Bergerac, intitulado « *Le véritable Cyrano de Bergerac* », assignado por Camille Flammarion. O processo Zola (texto de Adolphe Brisson) vem acompanhado de gravuras, representando os personagens que n'elle se salientaram.

— *Zalina Rolim*. — « *Livro das creanças* ». São pequenas historias em verso, para creanças, acompanhadas de gravuras. É um livrinho a todo o ponto recommendavel esse que a distincta poetisa Zalina Rolim, de quem se conhecem tão inspiradas producções, offerece ás escolas, e que o governo do Estado de S. Paulo recolheu publicar, por indicação do Conselho Superior de Instrucção. As mães de familia lembramos esse voluminho gracioso, que será um regalo para os seus filhos.

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRIPTORES DO BRAZIL E PORTUGAL  
E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA  
DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

BRAZIL	FRANÇA e outros paizes da União Postal.	PORTUGAL
Um anno . . . . . 50\$000	Um anno . . . . . 40 francos	Um anno . . . . . 10\$000
6 mezes . . . . . 30\$000	6 mezes . . . . . 24 "	6 mezes . . . . . 5\$500
Numero avulso. . . . . 2\$500	Numero avulso. . . . . 2 "	Numero avulso. . . . . 500

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

### BRAZIL

Rio de Janeiro. LAEMMERT E C <sup>ia</sup> , <i>Rua do Ouvidor.</i>	Pelotas . . . . . CARLOS PINTO E C <sup>ia</sup> .	
São Paulo . . . . . CASA GARRAUX, <i>Rua de 15 de Novembro.</i>	Santos. . . . . WEINMANN E C <sup>ia</sup> .	
Pernambuco. LAEMMERT E C <sup>ia</sup> , <i>Rua Marquez de Olinda.</i>	Campinas. . . . . } LIVRARIA ESCOLAR.	
Pará. . . . . LIVRARIA COMMERCIAL, <i>Rua João Alfredo.</i>	Ceará . . . . . } ALFREDO GENOUX.	
		Joaq <sup>m</sup> JOSÉ DE OLIVEIRA

A REVISTA MODERNA acha-se e venda em todas as livrarias de Portugal

PARIZ : Escriptorio e Administração, 48, Rue de Laborde e Librairie nouvelle, Boulevard des Italiens

LONDRES : Arsenio Pinto Leite e C<sup>ia</sup>, 11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

A Revista Moderna — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na REVISTA MODERNA, incumbe ao seu respectivo autor.

m. 16

# JOAQUIM NABUCO

Foi a proposito da publicação do primeiro volume da biographia de Nabuco de Araujo, que a *Revista Moderna* resolveu, assignalando aos seus leitores esse monumento

de piedade filial, revêr n'um estudo critico a vida do seu preclaro auctor. Confiada primeiro ás mãos capazes do escriptor que aqui mesmo tão bem soube falar de Rio-Branco e de Eça de Queiroz, um prolongado impedimento do Sr. Eduardo Prado rejeita sobre mim e á ultima hora essa tarefa tão ardua quanto honrosa. Não sirva a urgencia do tempo de atenuante para a imperfeição d'este trabalho. Ha incompetencias flagrantes. A minha em materia de historia e de doutrina politicas no Brazil é das mais completas. E a parte mais brilhante da carreira publica do Sr. Joaquim Nabuco é visivelmente a que vae de 1879 a 1889. Muito precario seria o criterio com que eu julgasse a obra do tribuno, do jornalista politico, do parlamentar, dez annos da sua vida mais intensa, consagrada á empreza do Abolicionismo e, concluido este, á outra mais revolucionaria, embora igualmente logica, da descentralisação federativa, de cuja inesperada realisação entendeu a Fortuna desvial-o.

Mas, se me falta conhecimento para apreciar convenientemente a acção do Sr. Joaquim Nabuco na direcção dos movimentos nacionaes durante os

ultimos annos da monarchia, para registrar e comentar como critico os seus triumphos e as suas decepções; se uma dolorosa inintelligencia dos principios governativos e uma embaraçosa

insensibilidade aos ideaes de fórma me inhabilitam para julgar com sinceridade o homem sincero, que, retirado aos quarenta annos, declara que não foi mais do que um politico amator e se desprende de um passado de que tantos outros se desvaneceriam; sobra-me entusiasmo para admirar sem restricções a nobreza do seu vulto moral, para entender a lição de honestidade da sua vida inteira, para sentir a belleza d'essa vida, feita da harmonia de um cerebro robusto e do mais generoso coração.

Nobreza! honestidade! belleza! São palavras prestigiosas, cuja vibração sentimental bastaria para perturbar-me as categorias classificativas, se d'ellas houvesse tenção n'este humilde artigo. As idéas que ellas representam, se

confundem frequentemente no nosso espirito pelas suas relações originaes, têm o ar suggestivo de familia, como as virtudes que derivam da Virtude. E de nos virem ellas á bocca quando falamos de um homem, podemos concluir que o seu retrato moral é facil, que esse homem tem uma physionomia, persistencia e caracter.

Por lhe vêrem precocemente embranquecida a cabeça e mais vezes nos seus labios o sorriso de



JOAQUIM NABUCO

uma doçura quasi melancholica, acreditam muitos que o Sr. Joaquim Nabuco está mudado do orgulhoso moço que era.

Nas sociedades democraticas é orgulhoso o homem reservado, que escolhe os seus amigos e os prefere aos outros, que por timidez ou por educação não tem maneiras familiares, que não é vulgar. Nós somos reconhecidos aos que se revelam nossos semelhantes logo á primeira vista, sem nos impôr o esforço de os estudar, e antipathisamos com os estrangeiros de apparencia. É a mesma psychologia simplista das intelligencias rudimentares.

Na sociedade brasileira a natural reserva do Sr. Nabuco, mais do que a sua dominadora intelligencia, mais do que as suas opiniões politicas fechou-lhe o caminho da popularidade. Mesmo nos tempos do Abolicionismo, quando elle multiplicava a sua proveitosa actividade na imprensa, no Parlamento e em propaganda no estrangeiro, a voz dos seus companheiros de lida mais facilmente chegava ao coração do povo.

Esse foi, no emtanto, o que se poderia chamar o periodo heroico da sua historia.

Desde 1870 a sua attitude como socio da Anti-Slavery Society o incompatibilisara aos olhos do seu ministro de Estrangeiros para o posto de addido de legação em Londres. É o joven abolicionista, herdeiro de um nome illustre e de uma tradição politica, sacrificava gostosamente a sua carreira diplomatica aos interesses maiores de mais de um milhão de escravos a redimir. Eleito deputado, elle abria em 1879 as hostilidades na Camara, reclamando do proprio ministro que recebera a sua demissão, uma data fixa para a libertação total do Brazil. O grupo valoroso que com elle combatia, ia crescendo e se fazendo forte. Em 28 de Setembro de 1880 já se fundava no Rio de Janeiro uma Sociedade Brasileira contra a Escravidão, e Joaquim Nabuco era eleito presidente d'ella. A sua viagem á Europa no anno seguinte proporcionou-lhe calorosas recepções da parte das sociedades abolicionistas de várias capitães. Uma vez que assistia a uma sessão da Camara dos Deputados em Lisboa, o grande orador Antonio Candido propoz que o deputado brasileiro fosse convidado a tomar assento entre os representantes da Nação Portugueza. E Nabuco falou no recinto de um parlamento estrangeiro, e os echos dos discursos trocados n'essa rara cerimonia de confraternização parlamentar vibraram longamente nos corações commovidos dos seus compatriotas.

O Rio de Janeiro, porém, o não quiz para seu representante, quando se apresentou ás eleições no anno seguinte: os clubs esclavocratas o venceram temporariamente.

A Europa o retomou por alguns annos.

De 1882 a 1884 foi correspondente do *Jornal do Commercio* em Londres. Ahi publicou, em Abril de 1883, *O Abolicionismo*, um livro substancial de historia e de polemica, em que « a questão unica do Brazil » vem magistralmente estudada desde os seus principios e que muito serviu mais tarde para a dynamisação da doutrina na imprensa diaria combatente.

No Congresso juridico internacional de Milão, a que assistiu em 1883 como delegado da Anti-Slavery Society, foram unanimemente votadas as

*resoluções* que apresentou sobre o trafico dos negros e a escravidão.

Em 1884 emprehende no Recife uma memoravel campanha de doze conferencias no theatro Santa Isabel e na praça publica, que lhe valeram a cadeira de deputado, d'essa data até 1889, através de eleições renhidas e incidentadas.

De 1886 a 1888 escreve no *Pais* a *Sessão Parlamentar* e artigos de doutrina, publica opusculos de propaganda, prega em conferencias populares a cruzada da Redempção, vae a Roma pedir ao Papa a sua valiosa influencia em favor de uma medida que desde Agosto de 1866 fôra promettida a illustres abolicionistas europeus pelo proprio Imperador, como cedendo a uma reclamação urgente do « espirito do christianismo ».

Quando voltou ao Brazil, já foi para tomar parte na victoria final do Abolicionismo. O gabinete conservador de 10 de Março teve o prestigio do seu apoio, fôra das considerações estreitas de partido. Feridos os derradeiros golpes, pronunciados os ultimos discursos, veiu a hora do triumpho. O nome de Joaquim Nabuco foi aclamado no Brazil e no estrangeiro.

Utilizando a força que lhe vinha da sua primeira campanha gloriosa, elle emprehendeu logo a da reforma nacional a seguir, não menos necessaria, ainda que mais politicamente artificial, a descentralisação federativa. Outros a fizeram violentamente, sem o seu concurso. E em nome do seu liberalismo extremo, como o considerassem um precursor, procuraram angariar o seu concurso para a obra da reorganisação politica da nação. O Sr. Nabuco recusou collaburar com os dirigentes do novo regimen; e taes foram as razões que deu para considerar terminada a sua carreira publica, que a ellas se renderam os seus eleitores, e os proprios republicanos não puderam senão deplorar a sua retirada.

É o que prova que não são os actos e sim os modos o que mais geralmente nos attrahe reparos, é que só d'esse momento começou para os observadores superficiaes a mudança no Sr. Nabuco, que não mudou, que se affirmou apenas, que, sentindo-se afinal forte e bem defendido em si mesmo, desistiu de se defender, de se explicar a cada instante, de hastear os seus credos individuaes em bandeira de combate, de sacudir ao vento das polemicas a sua bella cabeça empennachada de ideaes.

Muito admirado ficaria elle, se lhe dissessem n'aquelle tempo que os ardores generosos do seu patriotismo militante eram lançados á conta de mesquinhas ambições de dominação politica ou expansões de mundana vaidade. Tão admirado quanto os que, prevenidos desfavoravelmente, não conseguiam descobrir n'elle nem frivolidade, nem dandysmo, nem oliosas expansões de orgulho, nem o vasio sentimental dos vaidosos. São esses mesmos os que não o acham hoje mudado do que era e reduzem a legenda da vaidade do moço ás proporções das alcunhas innocentes com que pretenderam ridicularisar-lhe a belleza physica.

Porque no Rio de Janeiro, onde não é rara a formosura, o Sr. Joaquim Nabuco appareceu como um typo escandaloso de belleza varonil, que, ainda mais depressa do que amor no coração das mulheres, accendia a inveja nos figados dos feios. Entre a geração que criou bigodes por 1880, ser

« bello como o Nabuco » era uma aspiração de sonho, significava a posse do mais seguro talismán das vagas boas fortunas por que suspira a ardente mocidade. D'ahi — imaginada e condensada na sua toda a vida desejosa dos que o invejavam — um desabrochar sem fim de legendas de adulterios, de idyllios e de dramas de paixão em torno do seu nome, como em torno do Don Juan Tenorio toda a historia amorosa das Hespanhas.

Não lhe fez mal essa reputação de libertino, absurda apenas a examinassem, dada a fraquissima dissipação sentimental do calido Botafogo, da soturna Laranjeiras, do poeirento Cattete, dada a indiscutivel honestidade do bello tribuno. O ardor insincero com que os seus adversarios se aproveitaram d'ella para denunciar á execração publica a sua perigosa formosura, provou a invulnerabilidade d'essa vida integra e nobre. Chamar effeminado a um homem de quasi dous metros de altura é revelar carencia absoluta de epithetos desagradaveis que lhe assentem. Uma vez os seus amigos acompanharam attentamente uma disputa publica, em que um padre, seu adversario politico, o maltratou com palavras violentas, passadas de fel e odio. Nunca, porém, a sua honra pessoal foi posta em duvida pelo seu rancoroso contendor. Tal é o prestigio de uma vida activa e pura, mesmo contra a sanha dos inimigos.

Retirar-se da arena politica não significou para o Sr. Nabuco renunciar á apreciação dos negocios publicos. Apenas de jornalista combatente passou a publicista occasional, sempre attendido, discutido, respeitado. Aquelle que o Marechal de Ferro considerava « o mais leal adversario da Repu-

blica », não podia cumprir o que elle entendeu, morta a Monarchia, ser « o dever de todo monarchista, morrer com ella ». Ha cousas que não morrem em nós por vontade nossa. O afastamento das lutas absorventes e extenuantes foi salutar para o pensador. Se a nação sente a falta do politico, ganharam as letras, ganhou o pensa-

mento nacional com o retiro fecundo do escriptor. Entre o livro sobre o Abolicionismo e o estudo sobre Balmaceda, entre o discurso da homenagem a Camões e o da inauguração da Academia de Letras, não ha sómente as diferenças da idade e do cultivo intellectual, ha tambem as influencias claramente discriminaveis da vida combativa de outros tempos, da vida contemplativa de hoje. O espirito é o mesmo, generoso e nobre, sempre ascendente. O estylo muda dos arrojados e exuberancias do periodo tribunicio ás finuras e profundezas reflexivas da phrase estudada, propicia ao aclaramento das idéas. De sorte que, considerado de um ponto de vista exclusivo, o ostracismo voluntario do Sr. Nabuco foi para a vida litteraria um inesperado beneficio da Republica.

Ainda não sabemos qual ficará sendo a sua bella obra, o « pensamento da mocidade realizado pela idade madura », que elle escolherá para o representar perante a Posteridade. Para o que um dia escrever a sua historia, como elle agora escreve a do pae, será certamente o conjuncto dos actos e palavras de Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo, será a sua vida inteira a obra de belleza que o Senador Nabuco deixou por legado ao seu Brazil querido.



SENADOR NABUCO

DOMICIO DA GAMA.



# O Perigo Amarello

**H**OUVE um tempo em que o mundo assistia com surpresa ás manifestações variadas da actividade de Guilherme II, Imperador da Alemanha. Mas o illustre soberano já nos habituou ás successivas revelações de seu malleavel talento, e foi, portanto, sem exclamações de espanto, que tivemos a noticia de haver o imperador fornecido ao celebrado pintor Hermann Knackfuss o esboço de um grande quadro historico.

O assumpto, elucidava a informação, seria o archanjo Miguel convocando as potencias europeas em que predomina o christianismo, e mostrando-lhes, atravez de um abysmo, uma figura pallida, na attitude das estatuas de Buddha. E essa tela magestosa, accrescentava a noticia, seria subordinada ao titulo : O perigo amarello.

Que significava isso? perguntou-se.

Perigo amarello ! Não estará illudido o joven imperante, quando suppõe vêr ameaçada a velha Europa pela influencia dos Asiaticos, e dos Chinezes e Japonezes em particular?

Discutamos. A China, immenso territorio, conta 450 milhões de habitantes, isto é, dez vezes a população da França. Dispondo de uma civilisação adelantada, tem a China completado o cyclo de vida das nações, isto é, depois de ter sido conquistadora, depois de haver alcançado nas artes o seu pleno florescimento, foi decahindo lentamente, e se acha hoje adormecida em uma especie de lethargia.

Pois bem, compulsando a Historia, fonte inexgotavel de irrefutaveis ensinamentos, nós vemos, á luz da evidencia, desprendida do methodo comparativo, que d'essa lethargia o colosso amarello não despertará.

Quem abrir o immenso livro das nações, encontrará sem esforço a confirmação d'esse ponto, pois que em nenhuma epocha, em tempo algum, existiu um povo, que, após haver atravessado os diferentes periodos do seu desenvolvimento, depois de ter attingido á plenitude do florescimento artistico, se erguesse das suas ruinas e reassumissem, entre as nações vivas e activas, a sua situação anterior.

Do mesmo modo que relativamente aos individuos, as nações nascem, vivem e morrem, sendo a sua morte essa lethargia, esse entorpecimento moral, que facilita as invasões de outros povos e que determina o progressivo esphacelamento de uma nacionalidade.

Examinemos a India antiga, que teve uma civilisação adelantada, que adquiriu na arte um desenvolvimento notavel, e que hoje, a despeito de seus 240 milhões de habitantes, se acha reduzida á escravidão, por algumas centenas de inglezes.

Recordemos a historia dos Egypcios, famosos constructores de graniticas pyramides, audazes invasores da Asia.

Conquistaram a Nubia, edificaram Thebas e Mem-

phis, e tiveram, entre os seus reis, Sesostris, que percorreu a Asia e a Europa e venceu os Scythios e os Thracios. Mas é no reinado de Sesostris que a arte começa a declinar, e ha d'isso 3,600 annos, como prova a divisa real gravada no obelisco da Praça da Concor dia, monumento que aquelle rei consagrara aos deuses. D'ahi em diante, a historia do Egipto vaee perdendo gradativamente o seu brilho, e hoje a nação outr'ora gloriosa passa da dominação turca ao dominio inglez; o Egipto está morto.

Consideremos os Assyrios, que construíram Babylonia e edificaram Ninive. Sob Sardanapalo começa o declinio do valoroso povo, que conquistara Jerusalém e invadira a Asia... A Assyria desapareceu.

Vieram, depois, os Phenicios... E d'essa nacionalidade pujante, nem mesmo restam as ruinas da valente Carthago, sobre as quaes Mario chorára...

Não olvidemos os Persas... Poderosos entre os mais poderosos, acabaram a conquista da Asia, emprehendida pelos Egypcios e pelos Assyrios.

Mas os Persas foram batidos pelos Gregos; e do

mesmo modo que na China, onde, com mal entendido egoismo, defendiam-se, contra as armas japonezas, as provincias separadamente, os satrapas na Persia foram individualmente derrotados. Em vez de concorrerem todos para a defeza geral da nação, fragmentavam-se em pequenas forças esparsas. E os Gregos bateram os Persas, como ultimamente os Japonezes venceram os filhos do celeste imperio.



« O Perigo amarello ».

E os Macedonios vieram, em seguida; e tendo á sua frente Alexandre, o immortal guerreiro, subjugarão os Persas, e dilataram as suas conquistas.

Mas onde está a maravilhosa Grecia, fecunda em feitos de denodado valor?

Os Romanos, por seu turno, assentaram na Asia o seu poder; e Roma, do mesmo modo que Thebas, Memphis, Jerusalém, Carthago, Esparta ou Athenas, brilhou na Historia com fulgurante esplendor.

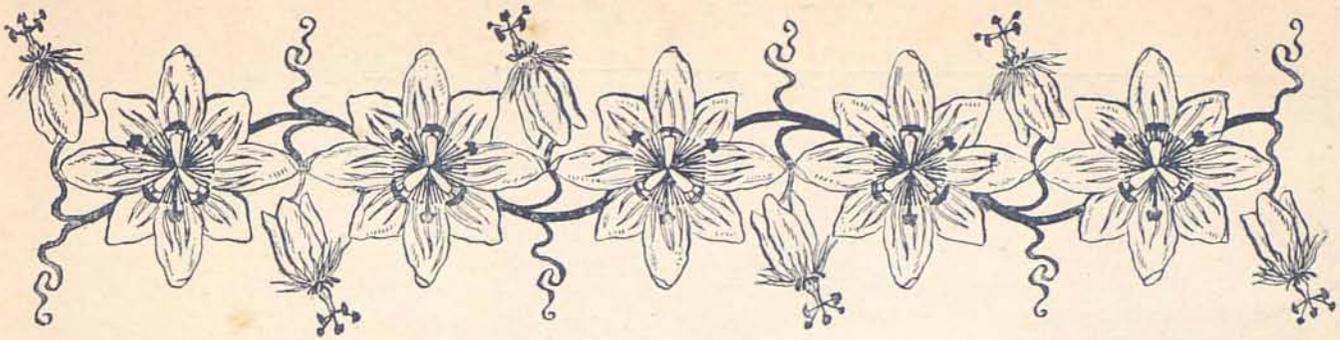
E n'esta rapida recapitulação nos mostra a Historia que da sua morte moral um povo não ressuscita...

Vimos, ha dois annos, o Japão, uma nação nova, levar a victoria de suas armas até as seculares muralhas de Pekin, perdendo em pequenas luctas limitadissimo numero de combatentes. E essa guerra, contam Vignerón e Madrolle, dois viajantes, passou despercebida no interior do vasto imperio chinez.

« A metade da população, dizem elles, ignora a derrota inflingida pelos Japonezes, como ignora o proprio facto da guerra. »

E do imperador, o Filho do Céu, relatam-se estas palavras : « Esta guerra não me diz respeito; é o imbecil do Li-Hung-Bhang que se está batendo com os Japonezes; não sou eu. »

O « perigo amarello » é um receio infundado...



# Échos do Littoral

## O Carnaval de Nice. A Batalha de Flôres. Monte-Carlo.

**O**TREM expresso que parte de Calais ás quatro horas da tarde por um tempo frio e nublado, atravessando Paris sob uma persistente chuva de inverno, chega no dia seguinte, pelas seis da manhã, ao pleno paiz do Sul, inundado de sôl e luz, cheio de flôres e verdura. Desfilam aos olhos do viajante essas bellas paisagens da Provença, marcadas de um cunho semi-oriental e africano; e ao soberbo panorama d'Arles, a velha cidade dos Legionarios, cheia de ruinas e grandiosas arenas romanas, succede a perspectiva alegre de Tarrascon, a patria do legendario Tartarin. Vem depois Marselha, o grande centro commercial entre o Oriente e o Occidente, terra das historias maravilhosas e dos heroes extraordinarios, e por ella começa a serie das cidades de inverno, que, povoando todo o littoral francez, só váe terminar em San-Remo e Bordighera, nas costas da Italia.

Toulon e Hyères, S. Raphael e Cannes, Antibes

e a bella Nice, Beaulieu e Monte-Carlo, Menton e o Cap-Martin, constituem os lugares preferidos e mais frequentados por essa immensa população cosmopolita, que ahí se refugia de Novembro a

Maio. Banhados pelo Mediterraneo e cobertos por um bello céu, ambos do mais puro azul; cheios de sol e eternamente floridos, não podem offerer aos invernantes em villegiatura recantos mais apropriados aos dous extremos da existencia: a quietação e o prazer. Alguns, tranquillos e abrigados, são preferidos e invadidos por grande numero de doentes e convalentes

centes, fugindo aos ventos do norte e aos rigores do frio; outros, mundanos e elegantes, regorgitando de estrangeiros de todas as procedencias, installados em sumptuosos hotéis, verdadeiros palacios de conforto, ou em verdejantes villas, onde os laranjaes em flôr e os jardins de violeta embalsamam a atmosphaera, acariciando a vista. — O centro d'essa grande Riviera animada e festiva, a capital d'esse longo littoral



Carnaval entrando na sua boa cidade de Nice.



O « Carnaval » atravessando a Praça Masséna, em seu automovel.

alegre e ruidoso, é certamente a bella cidade de Nice, a decantada e saudosa Nizza dos Italianos. Data de 1764 a sua era de prosperidade como estação invernal, em seguida a uma grande estada que n'ella fizeram os duques de York e de Brunswick, acompanhados de numerosa comitiva. A sua historia antiga nol-a representa como um eterno theatro das luctas incessantes entre Barbetos e Provençaes. Bonaparte n'ella estaciona em 1795 como capitão de artilharia, sendo ahi preso mais tarde como general, accusado de pertencer ao partido jacobino. Em uma continua mudança de nacionalidade, desde o seculo passado até meados do presente, Napoleão III reclama a sua definitiva incorporação á França em 1860, mediante uma consulta da população, que respondeu affirmativamente por uma votação quasi unanime. Tomando nos nossos dias um espantoso desenvolvimento material e commercial, Nice é, antes de tudo, o rendez-vous internacional de todos os que procuram uma existencia movimentada e divertida.

A serie interminavel de festas, a vida alegre nos hotéis e residencias particulares, as suas tão celebradas batalhas de flôres, expondo as mais extraordinarias equipagens enriquecidas por phantasticas e custosas ornamentações, nas quaes se dispndem milhares de francos; e o seu famoso e legendario Carnaval, justificam largamente o programma de prazeres e distrações ruidosas, com que ella recebe os seus milhares de visitantes. O mais variado gosto e a mais original phantasia presidem ao con-

juncto das batalhas de flôres. Grutas marinhas cobertas de plantas aquaticas, enormes cestas de violetas, derramando grinaldas de rosas; tendas, cobertas de verdura e bordadas de arabescos floridos, pavilhões japonezes edificados com margaridas e cravos, e ainda ultimamente o immenso castello de tangerinas de cinco metros de altura e baseado n'um alvadio alicerce de camélias brancas, era occupado pelo principe herdeiro da Rumania, que em companhia da sua seductora consorte, uma das mais bellas princezas europeas, batalhavam sem descanso com todos aquelles que atacavam o seu torreão de laranjas. — Datam de bem antiga e remota origem as festas do Carnaval em Nice; e já nos tempos do velho condado da idade media

as pitorescas mascaradas e as interessantes *Moccolettis* faziam grande successo. Nos nossos dias e apoz a decadencia das festas carnavalescas de Veneza e Roma, é na festiva cidade do littoral que resurge a serie dos dias folgazãos em que toda a loucura é permittida. Entrada solemne de S. Magestade, o Carnaval, acompanhado de interminavel e grandioso prestito; grande curso de gala, para a exhibição de *carros* e toda a sorte de allegorias; uma successão de bailes *masqués* d'entre os quaes destacam-se as celebres *redoutes* e *vegliones*, em que a riqueza dos costumes e a obrigatoriedade das côres produzem um admiravel effeito; a terrivel batalha dos *confettis* de barro, jogados com pequenas pás aos rostos dos tran-



Carro do « Surrador de creanças »



Carro da « Comedora de crianças ».

seuntes, e a procissão final á praça da Prefeitura, onde a effigie do Carnaval é queimada aos gritos da multidão, coroando toda a festa um atroador e mirabolante fogo de artificio.

Todos esses festejos tomam duas boas semanas, enchendo a cidade de flôres, *confettis*, serpentinas e muita poeira, o que necessita da parte da municipalidade, que tão bem sabe explorar o estrangeiro divertindo-o á larga, mais uma semana de constante toilette, para conseguir o passavel estado normal; pois a bem da verdade, é preciso que digamos que o asseio da bella Nizza não está na proporção dos seus encantos naturaes e da vida dispendiosa que n'ella fazem milhares de estrangeiros.

Monte-Carlo, a vinte kilometros de Nice, é uma excursão obrigatoria de todos aquelles que visitam o littoral. A fama universal do Casino de *Monsieur Blanc* dá a esse grande casarão o effeito pretencioso da estatua da liberdade illuminando o mundo. Enorme e colossal pharol, collocado sob a paternal protecção do principe de Monaco, que é um sabio navegante, e especialmente destinado a guiar os desviados da sorte ás praias bem aventuradas, onde canta Tamagno... e não repete a segunda duzia. Não é precisamente o auto da fé de Monte Carlo que temos em vista fazer; a sua existencia é necessaria á humanidade, como tantos outros estabelecimentos de prazer e tolerancia; mas simples notas de reportagem que possam completar estes « echos do littoral », que damos a titulo de variedade a nossos leitores.

Muitas cousas tem-se dito e escripto sobre o palacio construido pelo architecto Garnier e sobre a lucta de todos os dias e de todos os instantes que se passam nos

seus salões. As mais lugubres e terriveis historias, os dramas de sangue e desespero, que são epilogados pelos tiros de revolvers, no fundo dos bosques de palmeiras que ornamentam os seus jardins, são talvez o resultado de imaginações exaltadas, ou, quem sabe, e o que nos parece mais provavel, as justas lamentações dos despeitados da roleta. *Questo Monte-Carlo è uno grande affare*, dizia-me um amigo e joven italiano, que, pela centesima vez, tinha fallhado toda a sua sabia combinação, obra de trabalho e estoica paciencia, na qual depositava o auctor uma certeza mathematica. É um rochedo fertilizado pelo fogo, mas que não produz dinheiro, repetia-me outro, velho e experiente companheiro, a quem as excursões ao rochedo fertilizado não se limitavam ás despezas do

bilhete do caminho de ferro que ahi o conduzia; e o numero das sentenças lavradas contra essa Babylonia moderna fazem caminho em meio da turba dos vencidos e descontentes, todos elles prestes a voltar á primeira occasião, tentando um *ultimo* e modesto esforço. Facto curioso e digno de mais ampla observação a quem interessar, é que, d'entre essa vaga multidão, que a todos os instantes chega a Monte-Carlo, fazendo tranquillamente a ascensão ao Casino, não existem contentes da sorte: são todos legiões de esperanças, ou então victimas que acabaram de ser sacrificadas; mas mesmo essa triste verdade que está ao conhecimento de todos, constatando de modo evidente a inutilidade das combinações, não influe de modo algum sobre o resultado geral das operações.

É de pouco espirito fazer-se philosophia sobre as miserias da vida, e já que o sabio aphorismo



Batalha de flôres.

nos diz que *errare humanum est*, não mais nos preocupemos com aquelles que justificam largamente a verdade do dictado. Em compensação a tantos males e decepções, a somma de prazeres e bem estar, a vida alegre e confortavel, que proporciona esse pequeno canto da *Rivière*, é simplesmente adoravel.

Os jardins e os terraços que cercam o palacio do Casino, são uma pura maravilha, cuja reputação é hoje universalmente conhecida. O cuidado meticuloso com o qual elles são tratados, a enorme variedade de plantas de todas as partes do mundo e a belleza incomparavel das flôres, que em profusão enriquecem os canteiros, fazem d'esses jardins um lugar feerico, na verdadeira accepção da palavra. Nada de mais bello e ideal do que uma tarde de sol nos terraços do Casino, sobre a vastidão azul do Mediterraneo. O rochedo de Monaco eleva-se n'um fundo purpureo violento e a velha torre sarracena do castello principesco destaca-se sobre o céu em fogo, dominando toda essa perspectiva de luz a *silhouette* selvagem do penhasco vulgarmente chamado *tête de chien*, vermelho como um ferro em brasa. Está-se em presença de uma paizagem unica, que a mão dos homens tornou ainda mais encantadora e que nem a penna e o pincel achariam palavras e côres capazes de a reproduzir.

A direcção do Casino de Monte-Carlo organiza durante todo o inverno uma successão de festas, bailes e esplendidas illuminações, que mais realçam o decoro phantastico dos seus jardins. As representações theatraes de grandes operas, opera comica e comedia reúnem os artistas mais celebrados d'Europa, e os seus concertos classicos e internacionaes atrahem em cada estação os dillettantes de todos os pontos do littoral.

No fundo de um immenso vestibulo ricamente ornado abrem-se tres largas portas, que dão acesso ás salas dos jogos.

De estylo mouresco a primeira e seguida de uma segunda duas vezes maior, são occupadas por seis grandes mezas destinadas ao jogo da roleta, com um minimo de cinco francos e um maximo

de seis mil. Os dous salões do fundo destinados ao *trente e quarante* contêm quatro mezas, onde se joga com um minimo de vinte francos e um maximo de doze mil. Todas essas salas luxuosamente ornamentadas, são enriquecidas por grandes quadros assignados pelos mais celebres pintores contemporaneos.

Em meio de todo este scenario das mil e uma noites desfila todo um mundo cosmopolita, exhibindo as mais custosas toilettes e pagando as maiores extravagancias do luxo e da riqueza. Á noite, os salões dos jogos são invadidos por uma sociedade de uma suprema elegancia, vestida no maior rigor da etiqueta mundana; e todo esse mundo de *raffinés*, muito bem jantado e melhor bebido, espalha com facilidade pelas mezas da fortuna os punhados de Napoleões e de louras esterlinas. E esse universal *tripot* não descansa um só dia do anno. De janeiro a dezembro, elle funciona com uma pontualidade fatal, das onze da manhã ás onze da noite; encontrando sempre magnifica pontaria, que ataca sem cessar, mas de balde, a fortaleza de M. Blanc. Mas ella resiste impavida e serena ás legiões dos assaltantes, distribuindo mesmo, de tempos a tempos (Oh! cumulo da ironia), o viatico consolador de uma limitada indemnisação; o que permite aos gravemente feridos a possibilidade de um regresso decente aos patrios lares.

E seja qual fôr o resultado de um passeio ou de uma estada em Monte-Carlo, é sempre com saudades que nos vêm á memoria os claros dias de sol

passados nos seus jardins e as bellas noites sob um céu estrellado e puro, contemplando do alto do magestoso terraço o effeito do luar que prateia discretamente os telhados da Condamine.

C. JORDANO.



Casino e Jardins de Monte-Carlo.



Sala de jogo (Monte-Carlo).

# A QUINZENA POLITICA



FACTO primordial a ser commentado na nossa Quinzena é o recente attentado commettido, nos arredores de Athenas, contra o rei Jorge da Grecia, que em companhia da sua filha, a princeza Maria, voltava de uma excursão ao Hymeto. A violencia d'esse barbaro ataque, no qual oito tiros de carabina foram dirigidos contra o rei, denota a firme resolução dos assassinos em conseguir um resultado fatal aos seus criminosos intentos. A má estrella que ha um anno parece guiar os destinos da infeliz Grecia, empalideceu por um momento, negando a sua protecção a esses pretendentes um regicidio. O soberano atacado soube defender com coragem a sua filha, impondo ao mesmo tempo aos atacantes uma attitude franca e brava, o que naturalmente influio sobre as pontarias das successivas descargas. O individuo que tem a responsabilidade de semelhante monstruosidade, é uma d'essas creaturas indolentes e pervertidas, mestre escola ignorante e parasita dos empregos publicos, categoria que infelizmente abunda nos paizes meridionaes. Esse attentado e outros actos mais ou menos semelhantes são, como já tivemos occasião de dizer n'estas columnas, a consequencia natural de um estado de espirito creado unicamente pela campanha de uma certa imprensa, que, menospresando as mais pequenas attentões devidas ás cousas constituidas, arrasta pela lama e cobre de injurias exercito, governo e a dynastia. É essa liberdade ou antes licença, intoleravel e inadmissivel, que já foi a causa directa das ruinas de diversos paizes e preparará seguramente o descalabro de muitos outros.

E é essa desgraçadamente a fraqueza da generalidade dos paizes latinos. É por essa mesma fraqueza attentatoria e abusiva, que a França debate-se periodicamente nas mais graves crises, é ainda ella que desencadeia a guerra fatal na Grecia, desejando coroar a serie de tristezas por que passou o Hellenismo pela suppressão violenta do soberano, e é pela mesma causa que a America do norte accumula humilhações contra a paciente Hespanha, procurando por todos os meios uma guerra de rapina. Emquanto governos e chefes de nação, guiados por uma concepção erronea de liberdade, permittirem o desbragamento da linguagem em constantes manifestações de idéas subversivas, cujo unico fim é explorar a multidão arrancando-lhe o vintem que paga as *tiradas patrioticas* escriptas com perfidia; emquanto, dizemos nós, esse estado de cousas fôr tolerado, as consequencias, cedo ou tarde, serão sempre as mesmas.

A maré dos graves incidentes surgio entre o gabinete de Madrid e a Casa-Branca de Washington, difficultando ainda mais, se possivel, as relações entre esses dous paizes. A divulgação de uma carta particular dirigida pelo ministro hespanhol Dupuy de Lôme ao seu amigo M. Canalejas, na qual a illustre personalidade do Presidente Mac Kinley era tratada de *politiqueiro mesquinho*, foi a causa da retirada d'esse diplomata, que reconheceu immediatamente ser o auctor da mesma missiva, pedindo com urgencia a sua exoneração. Essa carta que foi criminosamente desviada do correio, antes que o seu destinatario a recebesse, naturalmente por affiliados da insurreição, foi sem

perda de tempo, enviada á imprensa de New-York, que a publicou acompanhando-a de grandes commentarios.

O *State-Departement*, não satisfeito com a demissão do Sr. Dupuy de Lôme, exigio de Madrid uma declaração formal, reprovando positivamente as apreciações contidas na dita carta e o Sr. Sagasta ainda mais uma vez teve que acceder ás imposições dos jingoistas.

Como novo Ministro em Washington foi escolhido o Sr. Polo Barnabé, diplomata de carreira, tendo já passado alguns annos como secretario na America; é esse diplomata que vae ter a pesada responsabilidade do sombrio epilogo que se prepara. Ainda os animos não se tinham acalmado pela descoberta da carta desrespeitosa, quando vòu pelos ares na bahia da Havana o cruzador americano « Maine », sepultando nas suas ruinas trezentas victimas. A primeira impressão causada por essa noticia foi terrivel e uma explosão de colera abalou toda a America, accusando os hespanhoes de terem propositalmente destruido o encouraçado da União. Os dous governos sem tardar procuram desvendar o mysterio da atristadora catastrophe, e as commissões nomeadas para esse fim ainda não disseram a ultima palavra; mas a imprensa dos especuladores préga sem cessar a guerra ateando nos espiritos um estado de exaltação aguda, que pode de um momento a outro desencadear a pavorosa lucta, na qual a Hespanha que tudo fez para evital-a, saberá mostrar ao mundo a heroicidade de seus filhos.

O processo Zola, que monopolisou durante um mez a politica franceza, terminou pela condemnação do grande escriptor ao maximo da pena que lhe podia ser applicada. É este assumpto digno de um largo desenvolvimento, commentando as estupendas interpretações que tiveram lugar no correr dos debates; mas falta-nos para isso o espaço material e a liberdade necessaria que exige um trabalho d'esta ordem; e, para finalizar tão delicadas questões, dizemos sómente aos nossos leitores que o senador Naquet accusado de ter recebido duzentos mil francos do Panamá, foi absolvido; como tambem foram ha dois mezes atraz todos os parlamentares suspeitos da mesma corrupção.

É bem certo hoje que a eterna questão de Cretanão poderá ter outra solução além d'aquella proposta pelo imperador Nicolau. O Tsar adiou simplesmente a candidatura do principe Jorge ao governo da Ilha, e continua a exercer uma forte pressão no espirito do Sultão a favor da mesma. A Russia declarou ainda mais, numa nota official apparecida no *Mensageiro do Governo*, que ella repelliria toda e qualquer proposição que não fosse previa e livremente aceita pelos Christãos da ilha; e bem claro é que estes não darão a preferencia a outro governador qualquer, uma vez que lhes foi offerecida a nomeação do principe grego. É opinião feita em Constantinopla que Abdul-Hamid acabará por aceitar-a. Toda a questão no presente é de rodear essa *mudança* de uns tantos apparatus exteriores, mostrando ao mundo musulmano que o filho do rei Jorge torna-se vassallo ás ordens do Sultão e d'este modo a *dignidade* da Sublime Porta recebe perante os seus subditos um novo e incomparavel brilho.

M. BOTELHO.

# O DEUS DOS TISICOS

## I

«Luz morta! Amarga a propria primavera.»  
*Anthero do Quental.*

**M**AIO. Dia de sol, sereno. E azul o céu.  
Em frente á janella da tysica, muito para lá dos seus craveiros verdes, um retalho d'encosta desce que um muro susta em baixo, um muro branco, caiado, vibrante á luz de chapa. Ao longo d'elle a rua pullulante.

Vê-se a manhã na faina dos vizinhos, no canto dos pregões, n'um som de sino ao longe, na luz que é branda e leve.

E a olhar aquella vida que assim começa a chocar ao sol fecundo, a tysica tem duas lagrimas... duas gottas d'orvalho nas commissuras das palpebras de cêra.

Ha bem pouco ainda s'esfiara a noite, que um crepusculo de presagio precedera. A noite... uma fugida á morte, n'um corredor sem fim, de pesadello, com suares que a gelavam e os repellões da tosse, a rasgarem-lhe, como garras, o pobre peito oppresso. E só quando o negro fundo das vidraças entrava a acinzentar-se, e depois era fosco, e o dia bramava a sua communhão de labuta, só então, ella suppunha libertar-se d'essa angustia, e uma grande esperança a alhejava de si como uma cura.

Quem sabe! Se Deus, o Deus das miserias, a quizesse pôr boa uma manhã assim, faze-la partilhar da alegria do mundo, tornar a ser a bella arranjadeira, e espreitar cheia de gargalhadas o arraial da rua, e sacudir tambem o seu pannito de pó, como aquella... aquella... alli, aquella... sã... Viver... viver! A vida em que se corre, a vida em que se come, a vida em que se levanta um braço sem dôr...

E pelas faces de cêra da tysica, rolam as duas lagrimas, como duas gottas d'orvalho.

O amiguinho vem e beija-a.

— Melhor, hein, melhor?

E logo ella s'illude, e é como se elle a visse toda outra, caminho da saúde.

— Achas?... Vou devagar, amigo, e tão devagarinho. E tossia e sorria.

Meio dia. O sol a pino é um resplendor de prata no céu cõr d'açucena. A rua socega, como que começa a sestear. Ruido apagado de trens, pregões de fructas merendeiras.

E p'ra lá do muro, na encosta que sobe ponteada d'oliveiras, uma cigarra vibra e outra e outra.

E a olhar uma beta rubra de papoulas, riscando um trigal pallido, a tysica pensa...

Lembra-lhe sangue e a primeira revelação do seu mal, um anno ha, na primeira golfada rubra que lhe manchou o lenço, entre risadas.

Papoulas... cigarras...!

Bello tempo fóra esse, em Julho quente, quando as eiras polvilhavam da sua mancha d'ouro o largo campo, e que ella passou fóra, entre pinheiros, por conselho de medicos.

Suave viver, cheio d'esperanças, no ultimo beijo que a vida lhe mandava.

Tudo que sentia, parecia-lhe já ter sido sentido. Tudo que dizia, parecia-lhe já ter sido dito.

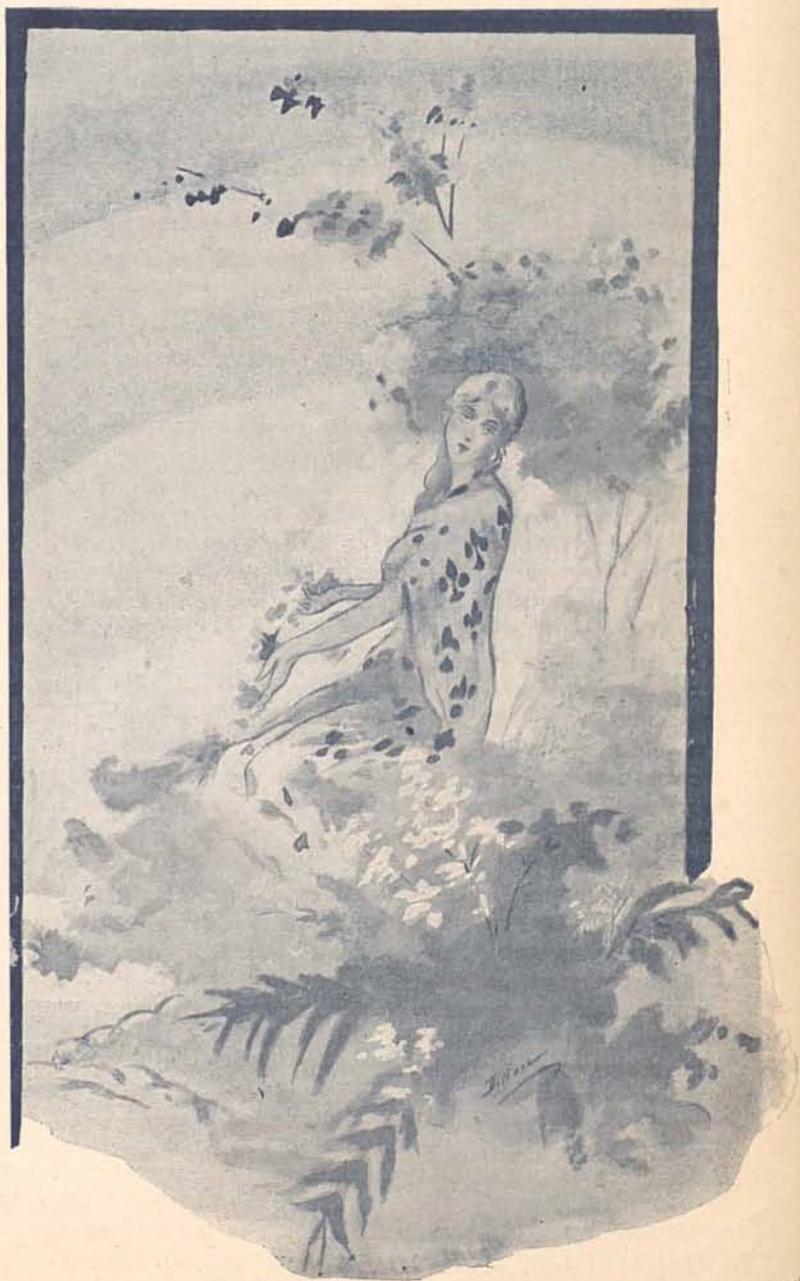
Acordar cedo, leite alvo a beber, enquanto fóra guisalhavam as cabras, e os rebanhos partiam p' r' ó pascigo, n'uma nuvem tenuissima de pó, pela fita da estrada cõr de cal.

E que appetite soffrego! Bruscas vermelhidões na face de bonita que illuminavam os seus olhos rasgados e negros, mais limpidos e amplos, com funduras de mysterio e brilhos de relampagos.

E ao domingo, sob o pára-sol d'um pinheiro manso, como era bom, sentados na caruma, jogar um doido loto, entre extranhos, roubando o amiguinho, com tanto olhar de dô a apoquentar-la quando ella tossia... e sorria.

Por vezes agitava-a uma energia tonta, e corria ás amoras a tintar os dentes e o queixo, ou exigia um jogo d'escondidas infantil:

— E... já....





Era sempre o amiguinho quem a achava. E com ternuras humidas no olhar e uma censura triste ella ralhava :

— Seu máu... Fingisse que não via...

E as cigarras estridulavam o seu canto de calor. E ella mais tossia... e sorria !

Depois outomno veio. Com os primeiros ventos que despiram arvores e inundaram de folhas d'ouro as alamedas, entristeceu como se a vida se lhe fosse n'uma despedida lenta. Opprimia-a uma angustia, assustava-a um aneio, tudo vago.

Devia ser assim se o amiguinho partisse para bem longe ; devia ser assim a agonia do seu ultimo beijo.

Tinha saudades das folhas que seccavam, dos restos-lhaes que amolleciam, da terra que accordava nua d'aquella longa sésta.

E foi chorosa a volta p'r'á cidade.

Por um momento o appetite voltou-lhe, mas desmaiou-lhe a face e mais se lhe abateu o peito.

Fôra depois suave o inverno que passara.

Nunca dois dias a seguir sem sol.

Queria flôres, e tivera um desejo de cravos em janeiro.

E se algum capricho a dominava, realizado elle, logo um desgosto a fartava, pela facilidade que houvera em destrui-lo.... se ella queria saúde e que lhe arrancassem d'alli aquella tosse má, e nem o Deus, o Deus dos doentinhos, lhe queria fazer isso !

Então chorava lagrimas quentes, lagrimas grossas, que lhe resvalavam pelas faces magras da brancura aveludada das magnolias, a mais salientar-lhe o negrume do esplendido olhar. E sempre uma reacção lhe esponjava o pranto e queria logo a seguir comer, viver... e mastigava custosamente o bife — Credo ! tão duro !...

E maio chegára ! E como fôra sempre a sua esperança o verão, ei-la resuscitando com illusões... e com desesperos :

— E tu deixas morrer a tua amiguinha... assim ?

— Doida !... Como se alguém pudesse morrer... assim... tão nova !

Entardece ; no campo em frente tudo parece amodorrar, já não ha sombras. Por um carreiro um homem caminha, dobrado como quem colhe ; acinzeira o ceu um crepusculo quente ; ha reflexos de sangue a bordar por detraz d'um renque d'eucalyptos a sombra da montanha.

E foi a ess'hora, n'um sobresalto brusco, que a tysica ergueu os braços esguios ao céu d'inferno, aduncaram-se-lhe as phalanges d'esqueleto, suffocou-se-lhe a respiração, teve a sua ultima tosse, quasi sem som ; e n'um estertor, a querer subir pelo amiguinho que chorava já, a agarrar-se-lhe como quem se agarra á vida, a tysica morreu.

Uma estrella brilhou no ceu de prata.

## II

Deixal-a ir, a nota desprendida  
D'um canto extremo... e a ultima esperança...  
E a vida... e o amor... deixal-a ir, a vida !

*Anthero de Quental.*

...Por muito tempo, elle, o amiguinho, teve horrivelmente arreigado aquelle enorme arranco que tão leve fizera arfar o chato peito d'ella.

Cada vez mais, de minuto a minuto, se lhe exaggerava esse derradeiro rouquejar estertorado, sibilante, ultima falla da sua triste vida.

E assim morrerá, cheia de desespero, feroz mesmo na sua vontade de nervosa, fincando teimosamente os dentes miudinhos, como se quizesse tolher a todo o custo aquelle fuga infamissima da vida.

Uma andorinha piava fôra, entre os craveiros, a grande vida do azul, a eterna andorinha chegada

havia bem pouco, com o brotar das papoulas e o vicejar das vides...

Mas, ao redor d'elle tudo era negro : o luto que o vestia, a casa onde passeiava,... e o resto da vida a percorrer.

Oh! como ella detestava aquelle lenço preto, que agora lhe envolvia a gorja soluçante, como se adivinhasse que ainda serviria para abafar luctuosamente o alcanceio que suffocava o seu pobre amiguinho.

...N'um suspiro alli perto, pareceu-lhe então ouvir ainda a voz d'ella. Ella a chama-lo na sua voz de brisa, para lhe dizer depois, cravando nos seus olhos os grandes olhos negros, molhados de meiguice :

— Mas tu d'antes não eras tão surdo!

Ella a chama-lo... para lhe fazer... como todos os dias, um pedido miudo, um capricho a cumprir, p'r'aquella tarde, p'r'ó outro dia, suppondo ligar assim com ninharias, a ninharía do seu viver tão tenue.

Um pregão na rua...

Era um cantar que ella arremedava sempre, já doente, com riso de boa a disfarçar-lhe as duas rosas vivas das suas faces finas de lyrio.

Escutou... mas fôra bem a tosse d'ella, que elle ouvira.

Alguem desce na escada. Vozes alegres.

É o vizinho de cima que sahe do seu ninho de rolo, da sua casita pequena, a ultima no predio, sob o ninho da andorinha. A mulher tem uma voz meiga, vae ve-lo á escada, ouve-se-lhe sempre o beijo, e segue-o depois á janella, debruçando muito o busto airoso.

Tambem Ella, tambem Ella assim fazia.

E nitidamente, n'uma visão dos seus olhos ardentes, elle vê n'um fundo luminoso o riso d'Ella, quando elle se voltava na rua p'r'aquella adeus de todos os dias de feições transtornadas, n'uma careta grotesca pelo grande sol que lhe irritava a face.

E cascalharam-lhe no cerebro em fogo, todos os sons d'aquella fim de doença, já um habito, com um ramram de vida ordinaria, — o leiteiro que vinha ás mesmas horas, o medico que se esperava nos mesmos dias — e ouvia ainda, com que saudade agora! o batucar isochrono da tosse, o traquinar da escarradeira, o tilintar dos copos de remedio...

Vozes na escada. O vizinho que volta.

— Surriada!... Esqueceu-se...

Um beijo como um pio. E a andorinha que pipilla na vida luminosa.

### III

« Noute sem termo, noute do Não-ser! »  
*Anthero de Quental.*

..... Morreu.

E immovel, e rigida, já sem a entrada caustica do ar nos pulmões cavernosos, ella tudo sentia.

Era uma vida de sonho, impessoal. Nenhuma noção do

tempo, mas uma ebullicão de reminiscencias e a constatação dos sons.

Por entre o soluçar ouvido perto, o do amiguinho fel-a soffrer muito, provocar-lhe um impulso; pela primeira vez depois de morta, quiz mover-se, mas ei-la pregada ao leiteo, inerte, com vontade, com ideas, com sensações, e parada como n'um pezadelo e impotente como n'uma paralyisia.

Quando a vestiram, magoaram-a e nem um queixume se lh'ouvio.

Quando lh'approximaram as palpebras, deixou de vêr o estuque amarellado pelo clarão das tochas e uma claridade baça se lhe entornou no cerebro acordado.

Cobriram-lhe com rosas o cadaver, e toda a noute houve murmurios seccos e soluços. No estreito do caixão, um pé ficára-lhe torcido.

Resou um padre.

O amigiunto veio um vez mais beija-la...

..... Chorou... molhou-a.

Um relógio deu horas.

Fecharam o caixão... e anouteceu.

Sinos tocaram.

Uma das palpebras tinha-se entreaberto, quando pela ultima vez vio dia, um dia descurado de cemiterio, com um ramalhar de cyprestes, constante e escorrente como o roçar, entre seixos, d'um regato.

Uma cara sedebrouçou, então, sobre ella, cara macillenta e felpuda, riscada de rugas como laivos e barbas como brenhas.

Arrumou-a melhor, compoz-lhe o pé, olhou-a. E d'essa mascara nodosa e adunca de velho enterrador, como a fitasse mais p'la fenda apertada dos olhitos vivos, duas gottas como duas lagrimas, lhe cahiram sobre o peito.

E sem pena, e sem horror, ella pensou : « talvez fosse assim como eu, a filha d'elle. »

Ainda ouve o mesmo ramalhar triste das arvores, mais soluços, mais rezas.

E o ceu é d'um azul velado, quando uma vaga idea lhe corusca no cerebro dormente :

— E Deus? O Deus compensador? Que é d'elle o Deus?

E n'esse azul do céu, uma visão s'estampa, e tanto a horrorisa, que ella tenta, em vão, fechar o olho aberto.

E de novo a carranca do coveiro, a olhal-a fixamente.

Nota-lhe a palpebra despegada, approxima-lhe os dedos sujos, tenta cerral-a, magoa-a.

Tudo escurece por um momento e outra vez mais baçamente vê... vê, ao mesmo tempo que se lhe esvae um resto d'energia como n'um desmaio, vê o bruto atirar o carão para entre os hombros, como quem o vae trilhar entre as clavículas... Duas bagas de suor lh'aljofram a carqueija da barba, oscillam por um momento, scintillam exaggeradamente como dois sóes e cáem sobre a sua face de cadaver... como duas lagrimas.

Ao longo um cão uivou.

Arnaldo FONSECA.

# KLONDIKE

**H**A Cerca de oito mezes, repercutia no mundo, entre exclamações de espanto, a noticia de ter sido descoberto um novo Eldorado, na extremidade da Europa, nos limites do dominio do Canadá e do Territorio de Alaska.

O frio — dizia-se ainda — é ahi intenso, descedo o thermometro a 65 grãos Farenheit e sendo apenas possivel trabalhar durante os tres mezes de estio.

A vegetação, quasi nulla, é só representada por pinheiros rachiticos; os animaes desertaram d'essas regiões desoladas, o peixe é pouco abundante nos mares, e a vida é apenas indicada pela existencia de alguns esquimãos e de miseros indios — os Dog Rib Indians — como lhes chamam os americanos.

Mas se tudo falta n'essas paragens desertas e tenebrosas, sobra, em compensação, o ouro, que ahi se encontra em quantidade fabulosa, superior á que têm fornecido a Australia, e a California, e a Africa Austral.

O precioso metal se acha, ou nas alluviões do Yucon, um dos maiores rios do globo, que, após um percurso de 2,600 milhas, se lança no mar de Behring; ou nas alluviões de seus affluentes, o Klondike, o Stewart River, o Indian River, apresentando-

se sob a fórmula de poeira ou em fragmentos.

Alguns canadianos exploram essas alluviões pelos mais rudimentares e primitivos processos, e obtém ouro em abundancia.

O governo do Canadá tem já limitado as concessões ou *claims*, não podendo cada mineiro obter, no mesmo districto, mais de um *claim*, o qual tem por medida 500 pés de comprimento e 666 pés, approximadamente, de largura, sendo esta dimensão de limitada importancia, porquanto, á proporção que se afasta do rio, vae o ouro diminuindo, desaparecendo, finalmente, de todo.

Os mineiros têm a vida mais miseravel que se possa imaginar. O inverno polar, a longa ausencia do sol, a difficuldade das communicações, a falta de alimentos, e, muitas vezes, as torturas da fome decimam os exploradores.

A esperança de alcançar uma fortuna rapida faz esquecer todos os soffrimentos.

As difficuldades do domicilio são insignificantes relativamente ás que surprehendem os mineiros durante a viagem.

É preciso attingir a costas inhospitas, sem portos, salvo Dycea e Juneau, onde só no verão é possivel chegar; é forçoso atravessar desertos de gelo, fazer ascensões perigosas, sem abrigo, sem caminhos, sem agua, arrastando comsigo as roupas, os indispensaveis utensilios, as provisões necessarias para um longo inverno, e tendo-se como unico auxilio alguns indios preguiçosos e rapaces, que, sem escrupulo, abandonam o emigrante para arriscarem no jogo — a sua paixão favorita — o dinheiro a que ainda não fizeram jus e que muitas vezes exigem adeantado.

Refere um viajante a excursão que fez em 1895, epocha excepcionalmente favoravel, pois o thermometro não desceu de 44° Farenheit.

O gelo subira a tal ponto, que lhe era necessario a golpes de foice abrir caminho, atravez d'esse obstaculo, a fim de que o trenó pudesse passar. Em Forty Mile Creek, a nutrição dos cães lhe custou 215 dollars (1075 francos), e essa alimentação, de que elle partilhou, consistia em presunto, e de tal modo deteriorado, que, só impellido pelas crueis exigencias da fome, conseguia elle comer.

O Sr. de Windt percorreu a distancia que meidia entre Dycea e o Klondike, antes que a febre do ouro se tivesse declarado.

A travessia dos desfiladeiros do Chilkoot, a uma altitude superior a 4,000 pés, foi a parte mais perigosa de sua viagem.

A partir d'este ponto a vegetação cessa; o frio



A partida para o Klondike.

se torna mais intenso, e por vezes as montanhas se apresentam a pique. Não existe nenhum atalho, e difficilmente se estabelecerá um; o rochedo offerece tão pequena segurança, que a passagem de um homem é sufficiente para deslocar uma grande massa de gelo, que o lançaria n'um precipicio.

De vez em quando, largas fendas no gelo revelam o perigo immenso a que se póde precipitar o viajante distraído; toa-lhas de gelo finas, brancas, parecem offerecer mais garantia e solidez, porém minadas pelas aguas subterraneas, são terri-velmente enganadoras.

« Ha quinze annos, corta o Sr. de Windt, conhecido explorador americano, faço rudes viagens pela Siberia, ilha de Bornéo, Tartaria Chinezta, etc.; nenhuma apresenta as difficuldades do Yucon ».

Finda a longa e perigosa travessia, acha-se o emigrante no paiz do ouro, cujo brilho lhe fascina o olhar.

O operario que não poude obter um *claim*, ganha, segundo as ultimos informações, 8 francos por hora. Se a sua saúde resistir ao clima e se elle souber abster-se do alcool, restar-lhe-ha um lucro apreciavel, a despeito do preço exaggerado dos generos de alimentação.

Quanto ao proprietario do *claim*, seu lucro é mais aleatorio, porquanto, se ha concessões riquis-



A ascensão do « Chilkoot Pas ».

simas, outras existem que são mediocres; nas melhores a abundancia do ouro varia de uma semana a outra, e ás vezes em um lapso de tempo muito menor.

O Sr. Ogilvie, commissario canadiano, cita, em relatorio official, factos curiosos n'esse particular. Assim, diz elle, em Miller's Creek, ha *claims* que darão este anno de 75 a 80 mil dollars.

Os detalhes que chegam de Bonanza Creek, são inacreditaveis. Um homem, lavando as alluviões, póde ganhar de mil a doze mil dollars por dia, podendo um *claim* de 500 pés dar, dentro de poucos annos, quando mais profundamente fôr cavado, 4 milhões de dollars, ou 20 milhões de francos.

Quanto aos fios de quartz aurifero, attingem 3 a 8 pés em média, podendo produzir 100 dollars por tonelada; mas, emquanto as alluviões são facilmente exploradas pelos operarios isolados, os fios de quartz não poderão ser proficuamente tratados, senão por meio dos recursos da grande industria moderna, impossiveis nas condições economicas actuaes.

O novo Eldorado, a que só se dirigiam raros e audazes exploradores, começou de tal modo a impressionar o espirito publico, que dentro em pouco a febre do ouro se revelou com intensidade pas-mosa.

A partida para o Alaska attinge hoje a proporções insensatas. Do Canadá, dos Estados-Unidos, da Australia, do Atlantico ao Pacifico, os emigrantes acodem em multidão.

Nem as difficuldades da viagem, nem o frio, nem a fome, nem as advertencias precavidas dos governos, nem os sensatos conselhos dos exploradores arrefecem o entusiasmo e a cubiça dos emigrantes.

A *auris sacra famas*, as narrações ampliadas e exaggeradas de interessados especuladores, dissipam todo o receio e toda a hesitação.

Citam-se factos extraordinarios. Um europeu,



Explorador do Klondike.

chamado Cormach, ganhára, em tres dias de trabalho irregular, a somma de 1200 dollars; um mineiro extrahira, de uma só vez, 338 dollars... O sr. Ogilvie conseguiu 560 dollars em sua primeira experiencia, e o explorador de Windt, cuja affirmação não é suspeita, conheceu um foguista de um dos vapores que fazem o serviço do Yucon, o qual tinha por salario 8 dollars por mez, e que voltou das minas de ouro com 170 mil dollars ganhos em poucos mezes.

Em Nova-York e em S. Francisco, os agentes e os armadores não sabem a quem attender. Todos querem partir immediatamente, e os preços, por altos que sejam, não são discutidos. Partem, na estação propria, navios de todas as condições, e os trens que chegam do Sul, de Léste e de Oéste veem repletos de emigrantes, para o transporte dos quaes não seriam sufficientes todos os navios que possúe a grande republica norte-americana.

As consequencias d'este estado de cousas são deploraveis.

Um correspondente do *Daily Chronicle*, que visitou os portos de Dycea e de Skagway, transmite ao seu jornal factos lamentaveis. Sete mil homens se acham entre o mar e a montanha n'um espaço de 18 milhas; centenas de emigrantes chegam cada dia, augmentando a confusão. E cada qual quer ser o primeiro, e nos atalhos se comprimem e se disputam... Dir-se-hia a retirada de um exercito, apoz estrondosa derrota.

No mez de Agosto os soffrimentos são horri-veis; em Novembro, quando o frio mais intenso se manifesta, crescem de ponto as difficuldades de toda a sorte.

Os que morrem de fome durante o longo percurso são em numero atterrador, e mais de um viajante refere ter visto junto a um sacco de ouro o cadaver de um emigrante a quem faltou o alimento.

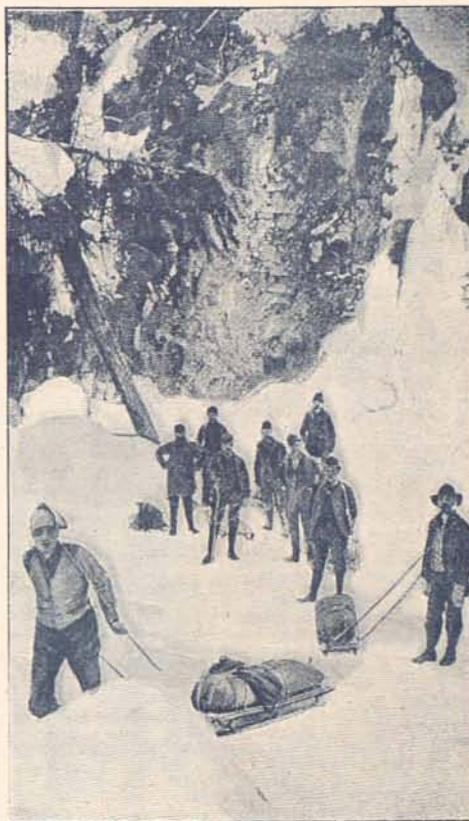
O sr. Bratnober, engenheiro enviado pela casa Rothschild, voltando de sua aventureosa excursão, declarou que não exaggeram os que descrevem o Klondike como um Eldorado: a riqueza da região é prodigiosa, e muitos annos são ainda necessarios para a completa exploração do paiz.

O sr. Ogilvie, que já citámos, affirma que os 600 *claims* concedidos na região do Klondike darão

aos seus proprietarios uma fortuna de 70 milhões de dollars.

O sr. Dawson, um dos mais eminentes geologos da actualidade, o qual visitou tambem o novo Eldorado, diz:

« A região do Yucon é a extensão do sys-



A descida nos lagos.

tema de montanhas que da California atravessa a Colombia e uma grande parte do Canadá. Os fios de quartz aurifero são abundantes; os rios, os ribeiros, os pequenos cursos d'agua contêm ouro em prodigiosa quantidade. Sem duvida, o ouro em alluviões terá um fim, mas a exploração do quartz aurifero deve, com uma proporção variavel, durar seculos. »

E o sr. Dawson, apoz outras considerações, emite judiciosamente os seus réceios, que se fundam no estabelecimento de companhias ficticias e na sua nociva especulação.

THOMAZ SWEET



# UM PRINCIPE EXPLORADOR

**H**A quatro annos, um joven e louro principe, descendente d'essa grande familia de Reis que tanto illustraram a França, naturalmente cansado da vida futil e bohemia de Paris que arruina as algibeiras e altera a saúde, resolveu tornar-se explorador, eterno viajante dos vastos mares e desconhecidos continentes. E eis-o por uma manhã de primavera de 94, em companhia de alguns amigos, a bordo de um transatlantico, cachimbo na boca, chapéo de feltro no alto da cabeça, em caminho da grande e misteriosa Asia. E ninguem dirá que esse sympathico e modesto rapaz é o filho de Sua Alteza Real o Duque de Chartres, o bravo principe que valorosamente combateu na ultima guerra de 70-71 sob o pseudonymo de Robert le Fort; e um dos netos de Luiz Philippe I, Rei dos Francezinhos durante dezoito annos. Henrique de Orléans, pois assim se chama esse principe explorador, encetou a sua primeira viagem em começo de 94, embarcando-se em Marselha com destino a Saigón na Conchinchina. O seu programma, simples e modesto na apparencia, era, como execução, trabalho e arrojado. Sem nenhum d'esses apparatus que rodeiam o

mais insignificante enviado official, não tendo columnas militares, nem sequito de mandarins, parte o joven viajante em companhia de dous amigos para essa longa travessia cheia de peripecias e prazeres, aborrecimentos e perigos. Uma pequena cavallada, meia duzia de conductores e dois criados constituem o total d'essa expedição, reforçada de tempos a tempos por alguns carregadores indigenas, dependentes dos territorios que atravessavam.

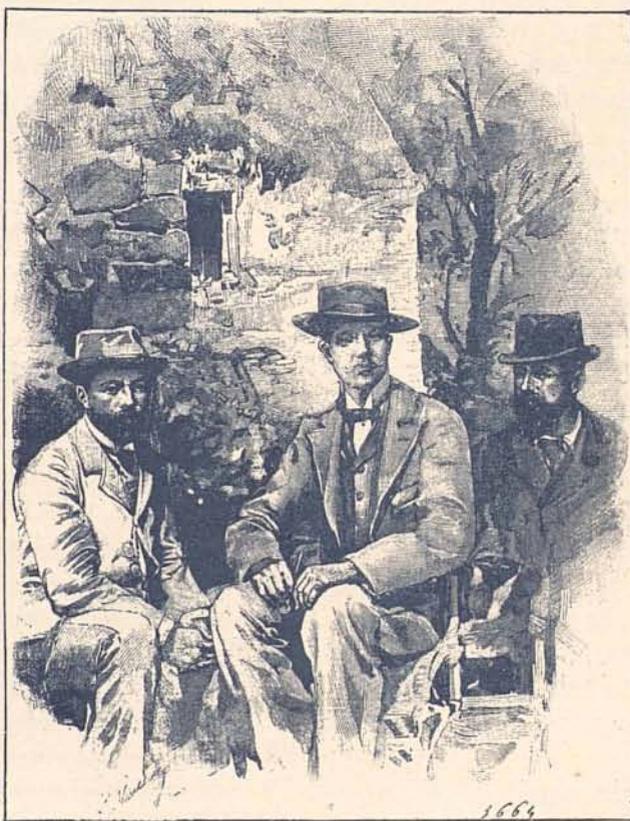
A Baixa Conchinchina, uma serie interminavel de tribus ou pequenos povos anamitas, tributarios

na maior parte do imperio Chinez, a quasi desconhecida região do alto Thibet até Kampty e de lá o caminho das Indias, pelas vastas planicies e immensas montanhas, até Calcutá, foi o itinerario seguido com grande paciencia e maior perseverança. As posições indicadas, altitudes e longitudes determinadas, cursos dos grandes e pequenos rios reconhecidos e explorados, notas e observações sabiamente catalogadas sobre a flora, a fauna, os minerios e o clima. As linguas, costumes e typos

dos diferentes povos, tudo foi scientificamente notado, constituindo esse todo uma bella e interessante obra intitulada *Do Tonkin ás Indias*. Um anno durou essa exploração de amadores dirigida por um nobre rapaz. Regressando á França, foi o principe Henrique alvo de entusiasticas recepções; elle, que tinha partido tão tranquillo e obscuro. A Sociedade de Geographia acolhe-o soberanamente, realisa conferencias que chamam todo Paris, é nomeado cavalleiro da Legião de Honra pelo governo do mais radical dos ministros, o Sr. Bourgeois, e completando essa confraternisação principesca-republicana, vae ao Elyséo visitar o Sr. Faure, que o recebe paternalmente, aprovei-

tando a occasião para dar a esse neto de Luiz Philippe verdadeiros conselhos praticos baseados nos mais sãos principios da democracia.

O partido realista não viu com bons olhos essa camaradagem intima de um proximo parente do futuro Rei de França com a gente da Republica; e a visita ao presidente Faure e a cruz dada pelo Snr. Bourgeois foram severamente censuradas. O Principe Henrique é na verdade um espirito completamente *novo* e, algum tanto lisongeadado pelas manifestações recebidas, confraternisa, talvez um pouco exageradamente, com os homens do dia.



O principe Henrique d'Orléans e os seus companheiros Roux e Briffaud.

(Croquis feito pelo principe d'Orléans em sua ultima viagem do Tonkin á India.)

Um verdadeiro e authentico principe, mas muito moderno e com ideas quasi incompativeis com a sua posição, com a historia e a tradição dos seus. Emquanto o Duque de Orléans, o actual chefe da Casa de França, fallando sobre a Revolução Franceza a qualifica de um *tragico equivoco*, o Principe Henrique, discursando sobre o mesmo assumpto, acha que é uma obra memoravel, verdadeiro *trabalho de gigantes*. Não é uma censura que pretendemos fazer, mas simplesmente um traço de character que apresentamos. A Italia, sacrificada em Adua poz em evidencia a Abysinia, nação guerreira, com pretensões a civilisada, mas no fundo selvagem e digna de um protectorado, ainda por muitissimos annos. O auctor do *Tonkin às Indias*, já com a nostalgia das solidões, não quiz perder a boa occasião de um longo passeio. Uma expedição meio scientifica e commercial é organizada e dirigida pelo principe Henrique, que, de novo embarcando-se em Marselha, destina-se a Dijibouti, porto francez do Mar Vermelho, e de lá, apoz uma longa e penosa viagem de quarenta a cinquenta dias a Adis-Aba, capital de Menelik.

A cidade do Negus era n'essa data visitada por toda a sorte de enviados em commissões officiaes da parte da Inglaterra, França e Russia. O major Nerazini concluia em nome do rei Humberto as ultimas condições da paz e da liberação dos captivos da ultima campanha. N'essas condições, chega á Abysinia, á frente de sua caravana, o principe de Orléans, que é pomposamente recebido pelo imperador ethiopo, que o distingue de attenções, hospedando-o n'uma bella vivenda e dando-lhe numerosa guarda de guerreiros, que executavam em honra do hospede toda a sorte de phantasias. Muitas audiencias, recepções festivas e mesmo jantares em palacio estabeleceram uma boa amizade entre o joven explorador e o velho Negus.

Não podendo fazer n'essa viagem as investigações scientificas que offereciam ás steppes da Asia e as regiões do alto Thibet, começou o principe Henrique a fazer um pouco de diplomacia e de politica.

Mandando regularmente para o jornal parisiense *O Figaro* as suas impressões de viagem, que eram muito lidas e apreciadas encetou um estudo retrospectivo sobre a guerra Italo-Abyssina. Foi este o lado infeliz da sua expedição, pois n'esse

estudo, composto de uma serie de artigos, o rapaz, superior pelo nome e pela educação fraqueou, deixando-se invadir por ideas jacobinas e vulgares que produziram essas duras e acerbos criticas contra o exercito italiano : soldados, officiaes e chefes superiores, que commandaram as grandes batalhas da ultima campanha. Essas apreciações lidas com prazer em toda a França, produziram na Italia um doloroso echo. Os officiaes italianos, indignados, protestaram contra a veracidade de muitos factos. A imprensa de todo o Reino, repelliu os commentarios do *Figaro* e dezenas de desafios foram enviados ao principe Henrique, mesmo em Adis-Aba, onde elle ainda tranquillamente se achava, de relações feitas com o Conde Leontieff, enviado do Tsar junto a Menelik, e ambos tratando de commum accordo as condições de uma enorme concessão que o Negus lhes fazia de grandes territorios, que tomavam o nome de Provincias Equatoriaes e que deviam ser pelos mesmos organizadas e administradas com todo o usufructo das explorações commerciaes que ellas pudessem dar.

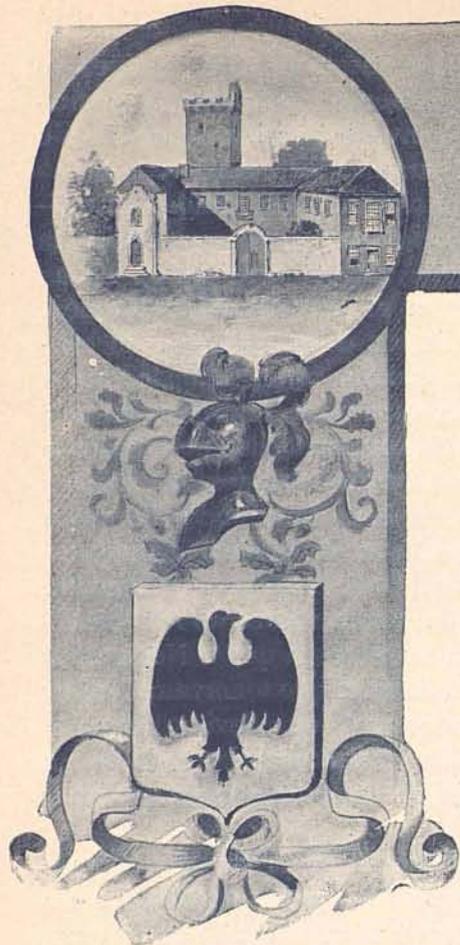
Depois de uma ausencia de seis mezes, volta a França em Agosto de 97 o joven explorador e a sua entrada em Paris é marcada, não pelas recepções da Sociedade de Geographia e ainda menos por uma nova fita da Legião da Honra, mas por um sensacional duello com o sobrinho do rei da Italia, o Conde de Turin, que, reivindicando a defesa do exercito, offendido pelas chronicas do *Figaro*, bate-se com o principe de Orléans nos arredores de Paris, ferindo-o gravemente.

É esta em poucas linhas a historia d'este principe explorador, que organiza n'este momento a sua segunda viagem á Abyssinia, e que dentro em pouco partirá acompanhado de todo um pessoal administrativo e militar, particularmente organizado, para tomar posse das Provincias Equatoriaes e proceder á installação de um governo definitivo, do qual Sua Alteza será o chefe supremo, com poderes illimitados.

É esta, verdadeiramente, uma distracção de principes e que muito de accordo está com a historia e a tradição da familia de Orléans. Um breve futuro nos dirá se o Imperador Menelik está satisfeito com o seu novo vassallo.

M. BOTELHO.





# a Ilustre Casa de Ramires

Continuado do nº 15.

Na sala, apenas soltou o reposteiro de pesadas franjas, Gonçalo sacudiu o punho para o Titó — que enchia um dos enormes cadeirões dourados, estirando por sobre as flôres do tapete umas botas novas, brancas, de grossas tachas reluzentes :

— Infame! Refalsado! Villão-mór!... Então hontem assim me larga, sem escrupulo, depois de eu lhe preparar um cabrito estupendo, assado n'um espeto de cerejeira! E para que? Para uma orgia reles, com bolinhos de bacalháu e bichinhas de rabear!

Titó nem desmanchou a sua conchegada serenidade :

— Impossibilissimo... De tarde encontrei o João Gouveia no Chafariz. Só então nos lembrámos de que eram os annos da D. Casimira. Dia sagrado!

Aquellas ceias de Villa-Clara, as tresnoutadas « pandegas » com viola, impressionavam sempre Barrôlo, que as appetecia. E acudio do canto da mesa, onde esfarelava pacotes de tabaco dentro de uma terrina de louça do Japão :

— Quem é a D. Casimira? Vocês em Villa-Clara descobrem uns typos...

— Um monstro! declarou Gonçalo. Uma matronaça, mais bojuda que uma pipa, com um pêllo nojento no queixo. Vive ao pé do Cemiterio, n'um cacifro que tresanda a petroleo, onde este senhor, e as auctoridades, e outros devassos vão jogar o quino, e derriçar com umas serigaitas de caza-beque vermelho e de farripas... Emfim nem se pôde decentemente contar deante do Sr. Padre Sueiro!

O bom capellão, que sem rumor se esbatera n'uma sombra discreta, entre as fartas prêgas da cortina d'uma janella e um alto contador acharoadado da India, moveu os hombros docemente, n'um consentimento risonho, como bem

acostumado ás fragilidades do Mundo. E, com magestosa pachorra, o Titó emendava toda a narração do Fidalgo :

— A D. Casimira é gorda, mas muito aceada. Até me pedio para eu lhe comprar hoje, na cidade, uma bacia nova d'assento. A casa não cheira a petroleo, e fica por traz do convento de Santa Thezeza. De resto, pessoa muito capaz, a D. Casimira, viuva d'um major de Caçadores... E as taes serigaitas são simplesmente as sobrinhas, duas raparigas alegres, que gostam de rir e de troçar... Até o Sr. Padre Sueiro podia, sem medo, frequentar á noite, para o quino, a casa d'aquellas senhoras.

Mas Barrôlo insistia, curioso, remexendo excitadamente o tabaco :

— Então, conta lá, Titó... Noite d'annos, patuscada rija, hein?

— Uma ceia pacata, contou o Titó com a seriedade que lhe merecia a festa das suas amigas. A D. Casimira tinha uma bella frangalhada com ervilhas; o João Gouveia trouxe do Gago uma travessa de bôlos de bacalháu, que calharam; o Manoel Duarte tambem appareceu com dois barris de mechilhão e duas garrafas de Moscatel... Não se passou mal. Depois, fogo de vistas na horta. O Videirinha tocou, as pequenas cantaram... Não se passou mal.

Gonçalo esperava, fitando o Titó, n'um silencio enrugado e de ameaça — mas irresistivelmente interessado pela ceia das Casimiras :

— Acabou, hein?... Vamos agora á outra infamia, mais inesperada e mais grave. Então o Sr. Antonio Villalobos é intimo do Sanches Lucena, frequenta todas as semanas a *Feitosa*, toma chá e torradas com a bella D. Anna, e esconde tenebrosamente dos seus amigos estas honras, estes privilegios gloriosos?...

— Sem contar, gritou o Barrôlo, que lhe tosquia os cãesinhos!

— Sem contar que lhe tosquia os cãesinhos, repercutiu severamente Gonçalo. Responda, Sr. Antonio Villalobos!

O Titó remexeu o corpo immenso dentro do fundo cadeirão, recolheu as botas de grossas tachas, affagou lentamente a face barbuda e requeimada, que uma vermelhidão affogueara. E depois de encarar Gonçalo com a pausa costumada e pensativa :

— Tu já alguma vez, por curiosidade, me perguntaste se eu conhecia o Sanches Lucena?

O Fidalgo protestou, indignado. Por que motivo lhe acudiria essa « curiosidade »? Mas centenas de vezes, na Assembleia, no Gago, na Torre, elles berravam, em questões de Política, o nome do Sanches Lucena! Nada mais natural, até mais prudente, do que alludir o Snr Titó á sua intimidade illustre! Ao menos para evitar que elle, ou o Gouveia, ou os outros amigos, deante do Snr Titó que comia as torradas da *Feitosa*, tratassem o Sanches Lucena como um trapo!

O Titó despegou do cadeirão. E afundando as mãos nos bolsos da quinzena d'alpaca, com um passo pesado para o refugio da janella:

— Cada um tem sobre o Sanches a sua opinião... Eu apenas o conheço ha quatro ou cinco mezes, mas acho que é serio, que sabe as cousas... Agora, lá nas Camaras...

E Gonçalo seguia, excitado, bradando que se não discutiam os meritos do Sñr Sanches Lucena, mas os mysterios do Snr Titó Villalobos — quando esbarrou com o escudeiro que lhe apresentava n'uma salva duas garrafas de Vidago, ambas desenvolhadas. Precipitadamente, para aproveitar o « piquesinho », encheu um copo — emquanto o creado, sem pousar a bandeja, prevenia José Barrôlo de que o Snr Administrador de Villa-Clara esperava no patamar, desejava visitar Sua Ex<sup>a</sup>.

— O Snr João Gouveia! Que entre! Bravo, temos cá toda a rapaziada de Villa-Clara!

E o Titó, da janella onde se refugiara, lançou o rôlo do seu vozeirão, mais troante, com desacostumada viveza, como para abafar rumores que o importunassem:

— Viemos ambos! Por signal n'uma traquitana infame... Aqui o Snr. D. Gonçalo monopolisa sempre a pãrelha russa do Torto. Até se nos desferrou uma das pilecas. Tivemos de parar na Vendinha. Mas não se perdeu tempo, que, ha agora lá um vinhinho branco que é d'aqui da ponta fina!...

Beliscava a orelha. Gracejava com o Padre Sueiro — apostando que aquella pinga branca da Vendinha nem o Sñr. Capellão resistiria, apezar de só beber vinho consagrado e com Hostia!

O João Gouveia entrava, encalmado, empoeirado, com um vinco vermelho na testa do chapéu e do calor, mas abotoado na sobrecasaca preta, de calças pretas, de luvas pretas. Sem folêgo, apertou silenciosamente pela sala as mãos amigas que o acolhiam. E desabou sobre o camapé, implorando ao amigo Barrôlo a caridade d'uma bebidinha fresca!

— Estive para entrar no café do Bento. Mas reflecti, que n'esta grandiosa casa dos Barrôlos as bebidas são de mais confiança.

— Você que quer? Orchata? Sangria? Limonada?

— Sangria.

E, limpando o pescoço e a testa, amaldiçoou o indecente calor d'Oliveira. Que differença de Villa Clara! Era passar d'um bosque para uma fomalha...

— Mas ha gente que gosta! Lá o meu chefe, o Sr. Governador civil, escolhe sempre a hora do calor para passeiar a cavallo. Ainda hoje. Na repartição até ao meio dia; depois, cavallo à porta; e larga ahi por essas ruas, até á estrada de Ramilde, que é uma Africa adusta... Não sei como lhe não fervem os miólos!

— Oh! acudio Gonçalo que enrolava laboriosamente um cigarro com o tabaco do Barrôlo, é muito simples. Se elle os não tem!

O Administrador saúdou, gravemente:

— Já cá faltava com a sua ferroadasinha o Sr. Gonçalo Mendes Ramires! Não começemos, não começemos... Este seu cunhado, Barrôlo, é bicho indomesticavel!

O bom Barrôlo gaguejou, constrangido, que Gonçalinho, em Política, não dispensava a piada...

— Poisolhe, atalhou o Administrador, sacudindo o dedo para Gonçalo, esse Sr. André Cavalleiro, que não tem miólos, ainda esta manhan na Repartição se exprimiu com sympathia sobre o cavalheirismo do Sr. Gonçalo Mendes Ramires, e lhe gabou os miólos!...

E Gonçalo, muito serio:

— Tambem não faltava mais nada! Para esse Governador civil ser perfeitamente absurdo e burlesco, só lhe restava que me considerasse um asno e um biltre!

— Perdão! gritou o Administrador, que se erguera, desabotoando a sobrecasaca, para commodidade da contenda.

Barrôlo interveio, afflicto, carregando nos hombros do Gouveia, para o repôr no canapé:

— Não, meninos, não! Política, não! E então essa massada do Cavalleiro... Vamos ao que importa... Você tem demora em Oliveira, João Gouveia?

— Até amanhan, se o Cavalleiro me despachar.

— Então jante comnosco... O Titó janta.

— Não, obrigado. Já prometti jantar com o Cavalleiro. Temos lá o conego Vilhena. Vai lêr um artigo que escreveu para o *Boletim de Guimarães*, sobre umas fôrmas de fabricar ossos de martyres, que se descobriram nas obras do convento de S. Bento. Estou com curiosidade... E a Sr<sup>a</sup> D. Graça, bem? Quem eu não vejo ha mezes, é o Sr. Padre Sueiro... Nunca apparece agora pela Torre! Mas sempre rijo, sempre viçoso... Oh, Sr Padre Sueiro, qual é o seu segredo para toda essa verdura?

Do seu canto o capellão sorriu discretamente. O segredo? Poupar Esforço, não esbanjar Vida... E para isso nem ambições, nem decepções. Ora

para elle, louvado Deus, fôra o seu rheumatismo, o mundo corria quieto e simples...

— E mesmo o rheumatismo, accrescentou, não é mal perdido. Deus, que o manda, sabe porque o manda... Soffrer ensina e edifica. O que nós soffremos é que nos leva a pensar no que os outros soffrem.

— Pois olhe,olveu incredulamente o Administrador, eu, quando tenho os meus ataques de garganta, não penso na garganta dos outros! Penso só na minha, que me não dá pequeno cuidado. E agora a vou regalar com aquella bella sangria...

O escudeiro vergava, com a macissa bandeja de prata, carregada de copos de sangria, onde boiavam rodellinhas de limão. E então todos se tentaram, todos beberam, até o Padre Sueiro, para mostrar ao Snr Antonio Villalobos que elle não desdenhava as dadivas uteis de Deus — pois, como ensina Tibullo, *vinus facit dites animos, mollia corda dat*, enrija a alma e adoça o coração.

E João Gouveia, depois d'um suspiro consolado, pousando na bandeja o copo que esviasara d'um trago, interpellou Gonçalo — que, apesar da, agua de Vidago com que se encharcara, ainda rondava as sangrias, fascinado :

— E hontem que historia phantastica foi essa da festa na Torre, com senhoras, com a D. Anna Lucena?... Eu não acreditei quando o pequeno do Gago me encontrou, me deu o recado. Mas depois cheguei a desconfiar, vendo que passava das nove e meia, e que o Titó não chegava para a ceia da D. Casimira. Bem, pensei, tambem recebeu recado e abalou para a Torre! Por fim, quando elle appareceu, de barrete e de jaqueta, percebi logo que fôra troça do Snr. D. Gonçalo.

O Fidalgo apparentou um assombro candido :

— Troça, porque? Então eu não podia dar uma festa, convidar para a Torre a D. Anna, o Sanches Lucena? Encontravam lá gente amiga, amicissima... O Snr Administrador do Concelho, que lhes trabalhou a eleição. Um certo Titó Villalobos, que lhes tosquia os cães...

Mas bruscamente Barrôlo, que, no vão da janella, encostado ao humbral, acabava a sangria conversando com o Titó, atirou para dentro um brado de pavor :

— Santo Deus! Ahi veem as Louzadas!

João Gouveia saltou do camapé, como n'um perigo, reabotoando a sobrecasaca; Gonçalo rompeu para a varanda, esbarrando com Titó e o Barrôlo que recuavam, no terror de serem apercebidos atravez dos vidros largós; até o Padre Sueiro, prudente, abandonara o seu recanto; e todos d'entre as cortinas, como soldados na fresta de uma cidadella acommetida, espiavam o Largo, que o sol das tres horas ainda batia pesadamente, por sobre os telhados musgosos da Cordoaria. Do

fresco lado da rua das Pêgas, as duas Louzadas, altas, esgalgadas, ambas com curtos manteletes de seda preta e vidrilhos, d'onde surdiam cotovellos agudos, ambas abrigadas sob guardasolinhas de renda branca, avançavam, estirando pelo faiscante Largo empedrado duas esguias sombras penetrantes.

— Não vêm para cá! trovejou o Titó, n'um vasto allivio.

Com effeito, no meio do Largo, junto ao Relogio do Sol, as duas manas hesitavam, voltadas para a Igreja de S. Matheus, onde o sino lançara um repique de baptisado.

— Oh! diabo, que nos veem!

Todos refluíram, espreitando de pescoços esticados. Subitamente decididas, as Louzadas investiram para o portão do Palacete.

— É para cá!

Então foi um panico, ante a invasão temerosa! Todos elles as conheciam, todos elles as temiam... Oh, as duas manas Louzadas, seccas, escuras e garrulas como cigarras! Desde longos annos ellas eram, em Oliveira, as ageis espalhadoras das maledicencias, as agudas esquadrihadoras das vidas, as alapadas tecedoras de intrigas. Com os seus quatro olhinhos de azeviche, furantes e adejantes, não existia na Cidade nodoa, rasgão, poeira a um canto, bule rachado, coração sinho magoado, algi beira arrasada, que ellas não descortinassem, não commentassem com delicia estridente! E tão palreiras, tao repisadoras, tao apegadas, que os espiritos religiosos consideravam as suas visitas como penitencias — e os espiritos incredulos como calamidades! Mas quem ousaria rechassar as duas manas Louzadas, filhas do decrepito e venerando General Louzada, parentas do Bispo, poderosas na poderosa confraria do Senhor dos Passos da Penha, d'uma respeitabilidade tão consagrada que o Marcolino do INDEPENDENTE as alcunhara de *Duas Mil Virgens*?... A sineta do portão tilintou, ameaçadora.

As gordas pernadas do Barrôlo fugindo abalararam, sobre os contadores, os potes bojudos da India. Gonçalo, certo que ellas pertenciam á *policia secreta*, lembrava que se embrenhassem no pomar. Estonteado, o Gouveia procurava desesperadamente o seu chapéo côco. Só o Titó, que as abominava e a quem ellas chamavam o *Polyphemo*, retirava com serenidade, abrigando o Padre Sueiro sob o seu braço forte. E o bando espavorido já se acercava do reposteiro, quando Gracinha appareceu. Com um fresco aroma, com um vestido claro, toda ella clara e fresca, parou, pasmada e sorrindo :

— Que foi?

Um brado abafado envolveu a doce senhora ameaçada :

— As Louzadas!

— Oh!

Precipitadamente o Titó, João Gouveia apertaram a mão que ella lhes abandonou, esmorecida. E a fila acavallada enfiou para o bilhar — onde o Barrôlo se aferrolhou, gritando ainda a Gracinha :

— Esconde as sangrias!

Pobre Gracinha! Atarantada, sem tempo de chamar o escudeiro, carregou para fóra, para uma banquetta do corredor, n'um esforço desesperado, a pesada salva — com que as Teixeiras, se a encontrassem, edificariam uma historia pavorosa de « vinhaça e bebedeira ». Depois, offegando, relanceou no espelho o penteado : e direita, como n'uma arêna, com a sua submissão facil e sempre risonha, esperou a arremetida das feras.

No Domingo, depois do almoço, Gonçalo acompanhou a irmã á casa da tia Arminda Villegas, que na vespera, ao tomar (como costumava, todos os sabbados) seu banho aos pés, se escaldara consideravelmente. Depois acabou o charuto sob as acacias do Terreiro da Louça, pensando na sua Novella e no lance famoso do Capit. II, que o tentava e assustava — o encontro de Lourenço Ramires com Lopo de Baião, o *Bastardo*, no estreito valle de Cantapedra. E recolhia ao Palacete, porque promettêra ao Barrôlo um passeio a cavallo, para aproveitar em a clemencia d'aquelle Domingo ennevoado e fresco — quando na rua das Vellas avistou o velho tabellião Guedes, que sahia da Confeitaria das Mathildes com um grosso embrulho de pasteis. Ligeiramente, atravessou logo a rua — emquanto o pesado o barrigudo Guedes, da borda do passeio, na ponta dos botins miudinhos gaspeados de verniz, descobria, n'uma cortezia immensa, aquella famosa calva, ornada ao meio d'um tuffo de cabello grisalho, que lhe valera a alcunha de « Guedes Pôpa » :

— Por quem é, meu caro Guedes, ponha o chapéo! Como está? Sempre fêro e moço... Ainda bem. Fallou com o meu Padre Sueiro?

Certamente! O Sr. Padre Sueiro passara pelo cartorio, com os apontamentos... E o rascunho da Escriptura já traçado. E elle esperando com muita honra o Sr. Gonçalo Mendes Ramires, ao outro dia, ás tres horas, se S. Ex.<sup>a</sup>. assim o determinasse.

— E dou os parabens a V. Ex.<sup>a</sup>. pelo seu novo rendeiro. Homem muito competente, o Pereira, muito competente! Já ha vinte annos que o conheço... E sei. A propriedade do Sr. Conde de Monte-Agra... Ainda me lembro d'ella, um chavascal, um brejo. E hoje que primor! Só a vinha

que elle tem plantado! Homem muito competente... E V. Ex.<sup>a</sup>. com demora?

— Dous ou tres dias... Não se atura este seu calor, em Oliveira! E que ha de novo?... Como vae essa negregada Politica? O amigo Guedes sempre bom Regenerador, sempre leal, sempre ardente, hein?

O Tabellião, com o seu embrulho de doces aconchegado ao collete rico de seda preta, agitou o outro braço gordo e curto, n'uma indignação que subitamente o retomou, lhe esbraseou de sangue o pescoço, as orelhas, toda a face rapada até ás abas do chapéo branco orlado de grande fumo negro :

— E quem o não ha-de ser, Sr. Gonçalo Mendes Ramires! Quem o não ha-de ser? Pois então este ultimo escandalo...

Os risonhos olhos de Gonçalo reluziram, logo serios :

— Que escandalo?

O Tabellião recuou. Pois S. Ex.<sup>a</sup>. não sabia da ultima prepotencia do Governador Civil, do Sr. André Cavalleiro?

— O quê, caro amigo?

Todo o Guedes cresceu sobre o bico dos botins pequeninos, e se dilatou, se enfunou, para exclamar :

— A transferencia do Noronha!... A transferencia do desgraçado Noronha!

Mas uma senhora, tambem obesa, muito esparilhada, a estalar em ricas e rugidoras sedas roxas, arrastando severamente pela mão um menino que rabujava, parou, fitou o Guedes — porque o digno homem com o seu ventre, o seu embrulho, a sua indignação atravancava a entrada das Mathildes. Apressadamente, o Fidalgo levantou, para ella entrar, o fecho da porta envidraçada. Depois, excitado :

— O amigo Guedes naturalmente vae para casa. É o meu caminho. Andamos e conversamos... Ora essa! Mas o Noronha... Que Noronha?

— O Ricardo Noronha... V. Ex.<sup>a</sup>. conhece. O pagador das Obras-Publicas!

— Ah! sim, sim... Então transferido? Transferido arbitrariamente?

Na rua das Brocas por onde desciam, silenciosa, com todas as lojas cerradas, a colera do Guedes resoou, mais forte :

— Infamemente, Sr. Gonçalo Mendes Ramires, infamissimamente! E para Serpa, para os confins do Alemtejo!... Para uma terra sem recursos, sem distracções, sem familias!...

Parara, com os seus doces contra o coração, os olhinhos esbugalhados para o Fidalgo, flammejando. É verdade! O Noronha! Um empregado trabalhador, respeitador dos seus chefes, honradissimo! E sem Politica, absolutamente sem Politica... Nem dos Historicos, nem dos Regeneradores. Só da familia, das tres irmãs que susten-

tava, tres flôres... É homem estimadissimo na cidade, cheio de prendas! Um talento immenso para a musica! Até compunha ao piano cousas lindas... Habilissimo tambem na flauta! Emfim, precioso para reuniões, para annos... Além d'isso, engraçado. E era elle quem organizava sempre em Oliveira as representações de curiosos...

— Porque, como ensaiador, creia V. Ex<sup>a</sup>. que não ha outro na capital... Não ha outro! E, zás, de repente, para Serpa, para o Inferno, com as irmãs, com os tarecos! Só o piano!... Veja V. Ex<sup>a</sup>. só o transporte do piano!

Gonçalo resplandecia :

— É um bello escandalo. Ora que felicidade esta de o ter encontrado, meu caro Guedes! E não se sabe o motivo?

De novo desciam vagarosamente pelo passeio estreito. E o Tabellião encolhia os hombros, com amargura. O motivo! Publicamente, como sempre n'estas prepotencias, o motivo era a conveniencia do Serviço. Convinha ao serviço que o malfadado rodasse para os confins do Reino!

E surdamente, esmagando na sua colera os pasteis contra o peito :

— Mas todos os amigos do Noronha, por toda a cidade, sabem o verdadeiro motivo... O intimo, o secreto!

— Então?

Guedes relanceou a rua, prudentemente. E como d'uma viella desembocava uma velha, coxeando, com uma cesta d'ovos, segredou o motivo cavamente, junto á face deslumbrada do fidalgo. — É que o Sr. André Cavalleiro, esse infame, se encantara com a mais velha das irmãs Noronhas, a D. Adelina, formosissima rapariga, alta e morena, uma estatua!... E repellido (porque a menina, cheia de juizo, uma perola, percebera a intenção vilissima) em quem se vinga, por despeito, o Sr. Governador Civil? No pagador! Para Serpa, com as meninas, com os tarecos!... Era o pagador quem pagava.

— É uma bella maroteira! murmurou Gonçalo, cheio de gosto e riso.

— E note V. Ex<sup>cia</sup>., exclamava o Guedes com a mão gorda a tremer por cima do chapéo, que o pobre Noronha, na sua innocencia, tão bom homem, gostando sempre d'agradar aos seus chefes, ainda ha semanas dedicara ao Cavalleiro uma valsa linda!... A *Mariposa*, uma valsa linda!

Gonçalo não se conteve, esfregou as mãos n'um triumpho :

— Mas que preciosa maroteira... E não se tem fallado? Esse jornal d'oposição, o *Clarim d'Oliveira*, nem uma denuncia, nem uma allusão?...

O Guedes pendeu a cabeça, descorçoado. O Sr. Gonçalo Ramires sabia o que era aquella gente do *Clarim*... Estylo — e muito bonito estylo. Mas para assoalhar, assim n'um caso gravissimo

como do Noronha, a verdade bem nua — pouco nervo, nenhuma valentia. E depois o Biscainho, o redactor principal, andava a passar surrateiramente para os Historicos. Ah! O Sr. Gonçalo Mendes não sabia? Pois esse torpissimo Biscainho bolinava... De certo o Cavalleiro lhe acenara com posta... Além d'isso, como provar a infamia? Cousas intimas, cousas de familia. Não se podia apresentar a declaração da D. Adelina, menina virtuosissima — e com uns olhos!... Ah! se fosse no tempo do Manuel Justino e da *Aurora de Oliveira*...! Esse era homem para estampar logo na primeira pagina, em letra graúda : « Alerta! que a Auctoridade superior do Districto tentou levar a deshonorra ao seio da familia Noronha! »

— Esse era um homem! Coitado, lá está no cemiterio de S. Miguel... E agora o despotismo campeia, desenfreado!

Soprava, arfava, esfalfado d'aquelle fogoso desabafo. Dobraram calados a esquina das Trinas para a bella rua, novamente calçada, da Princeza D. Amelia. E logo na segunda porta, parando, tirando da algibeira o trinco, o Guedes, ainda offegante, offereceu a S. Ex<sup>cia</sup> para descansar.

— Não, não, obrigado, meu caro amigo. Tive immenso, immenso prazer em o encontrar... E então até amanhã, ás tres horas. Essa historia do Noronha é tremenda!... Mas nada me espanta do Sr. Governador Civil. Só me espanta que o não tenham corrido d'Oliveira, como elle merece, com pancada e assuada... Emfim, nem toda a gente boa jaz no cemiterio de S. Miguel... Até amanhã, meu Guedes. E obrigado!

Da rua da Princeza D. Amelia ao Largo de El-Rey, Gonçalo correu com o radiante alvoroço de quem descobrisse um thesouro e o levasse debaixo da capa! E ahi levava com effeito esse « escandalo, esse rico escandalo », que elle farejara, por que tanto almejava, para dismantelar o Sr. Governador Civil n'aquella sua Oliveira, que o admirava e lhe erguia arcos de luxo! E, por uma mercê de Deus, esse « rico escandalo » demoliria tambem o formoso André no coração de Gracinha, onde, apezar do antigo ultraje, elle permanecia como um bicho n'um doce fructo, furando e estragando... E não duvidava da efficacia do escandalo! Toda a Cidade se revoltaria contra a Auctoridade femievra, que desterra um funcionario, porque a irmã do pobre senhor se recusou aos seus beijos babosos! E Gracinha!... Como resistiria Gracinha ao desengano de o saber abrasado por uma menina Noronha, e por ella repellido com nôjo e com mófa? Oh! o escandalo era soberbo! Só restava que estalasse, bem ruidoso, sobre Oliveira e sobre o peito de Gracinha, como trovão benefico que limpa ares corrompidos. E d'esse trovão, rolando por todo o Norte, se encarregava elle, com delicia! Libertava a cidade d'um Gover-

nador detestavel, Gracinha d'um sonho errado. Com uma fulgurante pennada trabalhava *pro patria e pro domo!*

No palacete correu ao quarto do Barrôlo, que se vestia vagarosamente, trauteando o *Fado dos Ramires*, e gritou, atravez da porta, com uma decisão immensa :

— Não posso passeiar contigo! Tenho que escrever, urgentemente... E não subas, não me perturbes... Necessito socego!

Nem attendeu aos protestos desolados com que o Barrôlo assomára ao corredor, em ceroulas. Galgou a escada. No seu quarto, depois de despir rapidamente o casaco, de excitar a testa com uma pouca d'agua de Colonia, abancou á mesa, onde Gracinha collocava sempre entre flôres, para elle escrever, um faustoso e monumental tinteiro de prata, que pertencera ao tio Melchior. E, sem emperrar, sem rascunhar, n'um d'esses soltos fluxos de Prosa que brotam da paixão, improvisou uma pavorosa correspondencia para a *Gazeta do Porto* contra o Sr. Governador Civil. Logo o titulo convidava — *Monstruoso attentado!* Sem desvendar o nome da familia Noronha, contava como um acto certo, publico, por elle testemunhado « a tentativa villôa e baixa, feita pela primeira Auctoridade do Districto, contra a pudicicia, a paz de coração, a honra de uma doce rapariga de dezeseis primaveras »! Depois era a resistencia desdenhosa « que a nôbre creança oppuzera ao Don Juan administrativo, cujos bellos bigodes são o espanto dos povos »! Por fim vinha « a desforra torpe e sem nome que S. Ex.<sup>a</sup> tomara sobre o desditoso e zeloso empregado, que é tambem um talentoso artista, obtendo d'este nefasto Governo que elle fosse transferido, ou antes arrojado, cruelmente exilado, com a familia de tres delicadas senhoras, para os confins do Reino, para a mais arida e escassa Provincia, por o não poder remetter para a Africa, no porão sordido d'uma fragata »! Lançava ainda alguns rugidos sobre a agonia politica de Portugal. Aterrado, recordava os peiores tempos do Absolutismo, a innocencia soterrada nas masmorras, o prazer desordenado do Principe sendo a expressão unica da Lei! E terminava perguntando ao Governo se cobriria esse seu agente, « este grotesco Nero, que como outr'ora o outro, o grande, em Roma, tentava levar a seducção ao seio das familias melhores, e commettia esses abusos de poder, motivados por lascivias de temperamento, que foram sempre, em todos os seculos e todas as civilizações, a execração do justo! » — E assignava, como sempre, *Juvenal*.

Eram quasi seis horas, quando desceu á sala, risonho e resplandecente. Gracinha martellava o piano, estudando laboriosamente o *Fado dos Ramires*. Barrôlo (que não se arriscara a um pas-

seio solitario) folheava, estendido no campê, uma famosa *Historia da Inquizição*, que encetara ainda em solteiro.

— Estou a trabalhar desde as duas horas! exclamou logo Gonçalo, escancarando a janella para respirar. Fiquei derreado. Mas, louvado seja Deus, fiz uma obra de justiça... D'esta vez o Snr. André Cavalleiro vae abaixo do seu cavallo!

Barrôlo fechou o livro, logo despegado das almofadas, inquieto :

— Houve alguma coisa?

E Gonçalo, deante d'elle, sorrindo suavemente, remexendo na algibeira o dinheiro e as chaves :

— Oh! quasi nada... Uma bagatella. Apenas uma infamia! Mas para o nosso venerando Governador Civil infamias são bagatellas.....

Sob os dedos de Gracinha o *Fado* esmoreceu, apenas roçado, n'um murmurio dormente.

O Barrôlo esperava, esgaseado :

— Desembucha!

E Gonçalo desabafou com estrondo :

— Pois uma maroteira immensa, homem! O Noronha, o pobre Noronha, perseguido, espinhado, expulso! Com a familia... Para o inferno, para o Algarve!

— O Noronha pagador?

— O Noronha pagador. Foi o infeliz pagador que pagou.

E então, regaladamente, desenrolou a historia lamentavel. O Snr. André Cavalleiro namoradissimo, todo em chammas pela irmã mais velha do Noronha. E perseguindo a rapariga com ramos, cartas, versos, passeiadas cada manhan por deante da janella, a ladear na pileca!... Até lhe lançara, ao que parece, uma velha marafona, uma alcoviteira! E a rapariga, um anjo cheio de dignidade, impassivel. Nem se revoltava, apenas se ria! Era uma trôça em casa das Noronhas, ao chá, com a leitura da versalhada ardente em que elle a tratava de « *Nympha*, d'estrella da tarde... » Emfim uma sordidez funambulesca!

O pobre « fado dos Ramires » debandou pelo teclado, n'um tumulto de gemidos desencontrados e asperos.

— E eu não ter ouvido nada! murmurava o Barrôlo, assombrado. Nem na Assembleia, nem na Arcada...

— Pois, meu amiguinho, é porque tens cêra, e muito dura, nos ouvidos. Quem ouviu, um famoso estampido, foi o pobre Noronha. Atirado para o fundo do Alentejo, para um sitio doentio, coalhado de pantanos. É a morte... É uma condemnação á morte!

A esta apparição da Morte, surdindo dos pantanos, Barrôlo atirou uma palmada ao joelho, desconfiado :

— Mas quem diabo te contou tudo isso?

O Fidalgo da Torre pasmou para o cunhado, com severidade :

— Quem me contou? E quem me contou que D. Sebastião morreu em Africa? E que o Snr. D. João VI fugio para o Brazil?... São os factos. E a Historia... Toda Oliveira sabe. Por acaso ainda esta manhan o Guedes e eu conversámos sobre o caso... Mas eu já sabia! E tenho tido pena. Que diabo! Não ha crime em se estar apaixonado como o pobre André. Louquinho, perdidinho! Até a chorar na Repartição, deante do Secretario Geral... E a rapariga, ás gargalhadas! Agora onde ha crime, e horrendo, é na perseguição ao irmão, ao pagador, empregado excellente, d'um talento raro... E o dever de todo o homem de bem, aqui no Districto, que prese a dignidade da Administração, e a dignidade dos costumes, é denunciar a infamia... Eu pela minha parte, cumpri esse bom dever. E com certo brilho, louvado Deus!

— Que fizeste?

— Enterrei na ilharga do Snr. Governador Civil a minha bôa penna de Toledo, até á rama!

O Barrôlo, impressionado, beliscava a pelle do pescoço. O piano emmudecera, mas Gracinha não se movia do môcho, com os dedos entorpecidos nas teclas, como esquecida deante da larga folha onde se enfileiravam, na letra grossa do Videirinha, as quadras gloriosas dos Ramires. E subitamente Gonçalo sentio n'aquella immobillidade suffocada o despeito doloroso que a trespas-

sava. Sensibilizado, quasi arrependido dos seus sarcasmos, d'aquellas exageradas chammas em que abrasara o Cavalleiro, caminhou lentamente para o piano, bateu com irresistido carinho no hombro de Gracinha, que estremeceu :

— Tu não dás conta d'esse lindo fado, rapariga! Deixa, que eu te cantarolo ahi uma quadra, á bôa moda do Videirinha...

Ella immediatamente se erguera, mergulhando a face n'um montão de musica, que rebuscava. Gonçalo ensaiou as teclas e entôou versos, ao occaso, n'um esforço esganicado :

Ora na grande batalha,  
Quatro Ramires valentes...

Mas Gracinha desapparecera, por uma fenda do reposteiro, sem um rumor. Então o bom Barrôlo, que tirava tabaco da sua travessa da India, enrolava um cigarro com pensativo cuidado, desafogou da certeza que lentamente o invadira :

— Pois, menino, sempre te digo... Essa irmã do Noronha é um mulherão soberbo! Mas o que eu não acredito é que ella se fizesse arisca. Com o Cavalleiro, bonito rapaz, Governador civil... Não acredito. O Cavalleiro saboreou!

Depois todo banhado n'um riso d'admiração perfeita :

— Aquelle ladrão! Para cavallos e para mulheres não ha outro, em Oliveira!

(Continúa).

EÇA DE QUEIROZ.

## HISTORIA COMICA



DECEPÇÃO

## Os salteadores da Sardenha

Não obstante a civilização do seculo que finda, com todas as suas maravilhosas descobertas, reformando usos e costumes, subsiste ainda em diversas partes da Europa uma *instituição* medieval, que, organizada em pleno dia, opera abertamente, nas barbas dos governos e das auctoridades, as quaes muitas vezes são forçadas a entrar em accordo com essas *respeitaveis* corporações.

Referimo-nos á quadrilha que, trabalhando em grande escala na Turquia, nas montanhas da Grecia e nas planicies dos Balkans, assola diferentes regiões da Italia, dominando mesmo em certas communas, pelo terror que impõe a audacia dos bandidos e especialmente dos seus chefes. Um telegramma de Sassari, na Sardenha, enviado a um jornal de Milão, dá-nos a seguinte edificante noticia: « Sobre a grande porta da municipalidade de Oliena, edificada em frente á igreja da parochia, foi collocado por mãos desconhecidas o seguinte aviso: « *É pela segunda vez que previno aos camponeses que não cultivem as terras da familia Furinetti. Quem não desejar ser CASTIGADO, deve tomar em toda a consideração o meu ultimo aviso. Acabo tambem de saber que o conselho da communa pretende apresentar na sua proxima e primeira sessão um importante subsidio a Madame Corzone. Desgraçado para sempre será o conselheiro que votar a favor de semelhante proposta.* » Os



A. Mula.

fieis que sahiam da igreja, liam todos, cheios de medo, este aviso assignado A. Mula, o feroz bandido, ter-

ror da provincia e para cuja captura o governo promette, ha tempos e sem nenhum resultado, uma grande recompensa. »

Eis em poucas linhas, contadas pelo laconismo do telegrapho, uma triste historia do banditismo na Europa. Do mesmo jornal reproduzimos a photographia de Mula, o que mais edificará os nossos leitores sobre a existencia de um tal personagem.

## O processo Zola

COMO um derradeiro echo do retumbante processo de Emilio Zola, damos abaixo o retrato de um sympathico e distincto official francez, uma das victimas das medidas de rigor, postas em execução pelo governo, apoz esses longos e sensacionaes debates. Nomeado em 1895 director do serviço de espionagem do ministerio da Guerra, começou o coronel Picquart a ter certas suspeitas contra um commandante do exercito, que lhe parecia entreter relações duvidosas com uma das embaixadas estrangeiras em Paris. Essas suspeitas, segundo a declaração do mesmo official, foram em parte confirmadas, e o resultado do seu inquerito foi immediatamente submittido aos seus superiores, com pedido de um mandado de prisão contra o commandante accusado. Esse mandado não lhe foi concedido, e o coronel Picquart, que tambem n'essa occasião estudava por conta propria certos documentos do processo Dreyfus, recebeu ordem de partir em commissão urgente e importante para uma guarnição de provincia, sendo de lá enviado directamente, sempre em commissão, ao interior da Tunisia.

Chamado ultimamente a Paris para depór n'um importante processo militar, que foi a origem do processo Zola, foi o seu depoimento energicamente combatido pelo estado-maior, que instaurou contra esse official um conselho de investigação, relativamente ao seu proceder como director do serviço da espionagem. Dias depois, abrem-se os debates do grande processo do escriptor francez e a defeza apella para o testemunho do coronel Picquart, que, comparecendo em pleno jury, declara a sua convicção e as provas que tinha obtido sobre a criminalidade do commandante suspeito; declara, ainda mais, que no cumpri-

mento dos seus deveres e investigando certos documentos, certificou-se que esse commandante estava seria-



Picquart.

mente envolvido no processo Dreyfus, equivalendo isto ao reconhecimento da innocencia do ex-capitão, que ha tres annos e meio julgado e condemnado, soffre até hoje a mais terrivel das penas.

Essa declaração independente, feita por um official superior com toda a lealdade e coragem, provocou no grupo dos militares presentes aos debates, vehementes protestos, dando lugar ás mais violentas altercações. Com a condemnação de Zola appareceram no *Official* as medidas tomadas pelo ministro da guerra contra diversos officiaes, sendo o coronel Picquart simplesmente reformado por faltas graves commettidas em serviço. Essa medida, que inutilisa para sempre a carreira d'esse militar, recusa-lhe o direito de jamais vestir o uniforme do official do exercito francez ao qual elle pertenceu e serviu com tanta dedicação, durante mais de vinte cinco annos, e do qual seria brevemente um dos mais jovens generaes.

## A catastrophe do « Maine ».

No nosso ultimo *Noticiario* demos uma ligeira noticia de ultima hora sobre a terrivel explosão do cruzador americano *Maine*, o numero de victimas da qual é superior, até este momento, a trezentas pessoas. O partido « jingoista » dos Estados-Unidos, que é grandemente interessado na continuação da revolta de Cuba, aproveitou

imediatamente este triste incidente, todo casual, para fazer uma triste e repugnante campanha contra

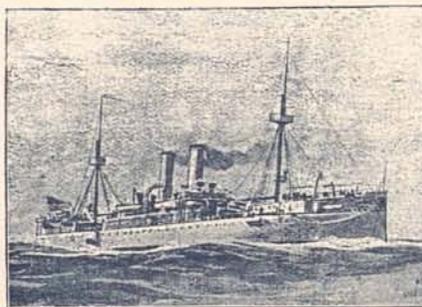


Sigsbee, commandante do « Maine ».

a Hespanha. As acusações mais torpes e as mais calumniosas insinuações foram atiradas contra as auctoridades da Havana, accusadas como responsaveis d'essa catastrophe, publicando certos jornaes, órgãos officiaes dos syndicatos que sustentam a insurreição, documentos apocryphos e planos do porto da Havana, fabricados nas redacções, nos quaes declaravam em grandes letras, que o *Maine* tinha voado pela explosão de uma mina sub-marina. Outros jornaes, tambem do syndicato, affirmavam que o cruzador americano tinha sido simplesmente « torpedado », por meio de diversos torpedos depositados no fundo da bahia e ligados á terra por fios electricos. Essas informações contradictorias, partidas da imprensa que prêga a guerra á outrance como unico meio de apoderar-se de Cuba, eram, por sua vez, desmentidas pela imprensa séria, que desde o primeiro momento aconselhou toda a calma e paciencia, até que seja conhecido o resultado final do inquerito official, ordenado pelo governo e pelo almirantado americano. A comissão de inquerito, composta de officiaes de marinha da « união », era acompanhada de alguns mergulhadores, incumbidos de visitar a carcassa do navio nos seus minimos detalhes, procurando, com toda imparcialidade, a causa do desastre. Essa comissão, logo chegada á Havana, provocou um incidente com o governador, que se oppoz á descida dos escaphandros americanos, sem que

os mesmos fossem acompanhados de mergulhadores hespanhoes. O governo dos Estados-Unidos, reconhecendo toda a justiça d'essa medida, ordenou á comissão que a ella se conformasse. Muitas descidas foram feitas, seguidas de minuciosas investigações, sendo o resultado das mesmas conservado no mais rigoroso segredo.

Depois de alguns dias de inquerito no porto de Havana, partiu a comissão para a Florida, onde a bordo do navio de guerra *Hin-garek*, expuzeram a um conselho da marinha o resultado dos seus trabalhos. Pelas ultimas noticias, até esta data, parece que o resultado obtido não é completo, devendo a mesma comissão voltar a Cuba, para finalizar as suas pesquisas. Nada officialmente tem transpirado, quer em Madrid, quer em Washington; mas pessoas bem informadas, ou que se julgam em taes



O « Maine ».

condições, quer na Hespanha ou nos Estados-Unidos, têm feito declarações reproduzidas na imprensa, dando o resultado do inquerito como categoricamente affirmativo, de uma explosão accidental. E essa parece a verdade, justificada em parte pelas boas relações que continuam a entreter o Sñr Sagasta, presidente do conselho, e o Sñr Woodford, ministro americano, e tambem pela tranquillidade do Sñr Mac-Kinley, que, em outras condições, seria forçado a agir energicamente e sem a menor demora. Esperemos, contudo, a segunda visita dos officiaes americanos, que finalizarão certamente a séria incumbencia que lhes foi confiada. Isto não obsta que a opinião publica nos Estados Unidos esteja sendo trabalhada e explorada radicalmente pela imprensa do syndicato, que tudo faz para não deixar escapar esse magnifico pretexto, que, com mais facilidade poderá trazer uma guerra entre esses dous paizes. Em toda essa triste his-

toria da intervenção americana em Cuba, é bem claro que, seja qual for o resultado d'essa lucta de muitos annos, as sympathias do mundo estão todas com a Hespanha, que sendo, naturalmente, forçada a reprimir a insurreição de uma das suas colonias, vê levantar-se contra si as prevenções suspeitas de uma grande nação, impellida a uma politica mercantil, pela cynica ambição de uma liga de especuladores.

### Suzanne Reichenberg

NASCEU em... Pouco importa que tenha completado quarenta e cinco annos, como affirmam indiscretas biographias. Suzanne Reichenberg tem, em scena, quinze annos apenas.

Quem a viu interpretar o papel de Suzel, no *Ami Fritz*, de Erckmann Chatrian; quem a applaudiu em Agnès da *Ecole des femmes*, de Molière, não suppoz jamais que a mimosa e ingenua creança fosse a decana dos artistas da Comedia Francaeza.

« La petite doyenne », como a denominam, abandonou no dia 7 de março o palco em que durante trinta annos triumphou.

Escolheu para a sua despedida um spectaculo variado, composto de actos destacados das peças em que mais applausos tinha conquistado ultimamente.

Quem substituirá *la petite doyenne* na Comédie Française? Em algumas



Reichenberg.

peças, ella é, seguramente, insubstituivel.

Além das comédias a que nos referimos a principio, devemos citar, como successos, na longa e brilhante carreira de Reichenberg: *Le monde où l'on s'ennuie*, *Mieux vaut doux-cœur*, *Pepa*, *La Souris*, *Le fils de l'Arétin*, e dezenas de outras, em que o seu malleavel talento se distinguiu.

À festa de despedida, festa em que muitos olhos se encheram de lagrimas, concorreu a eximia actriz italiana Eleonora Duse, que representou, com extraordinario successo, o ultimo acto de *Adrienne Lecoureur*.

#### Cavallotti.

NOTÍCIAS de Milão nos annunciam a tragica morte do grande politico Emanuel Cavallotti, morto de um golpe de *sabre* n'um duello com o deputado Macola, redactor da «Gazeta de Veneza.» Ao terceiro assalto Cavallotti, sentindo-se ferido, levou a mão á bocca, de onde a retirou cheia de sangue, e dez minutos depois fallecia nos braços das suas testemunhas e medico. Em um golpe de ponta o *sabre* do adversario tinha-lhe penetrado na bocca, indo até a garganta romper a carotida. Julgou Cavallotti a principio que era um ferimento sem importancia; mas uma terrivel hemorrhagia impossibilitou-o de responder ao seu medico, matando-o instantes depois. Esse desfecho ines-



Felice Cavallotti.

perado e tragico produziu enorme sensação em toda a Italia, onde o grande democrata era sinceramente

estimado. Em Milão as manifestações de pezar multiplicaram-se e todos os theatros suspenderam as suas representações em signal de luto.

Felix-Carlos Emmanuel Cavallotti, que proeminente papel representava d'entre os novos estadistas italianos, nasceu em 6 de Novembro de 42, em Milão. Tomou parte na expedição dos Mil de Garibaldi e fez a campanha de 1866. Estreou-se como escriptor theatral em 1871 por um grande drama historico «*J. Perranti*», representado e acolhido com enthusiasmo como tentativa de um novo romantismo. Publicou em seguida diversos outros que alcançaram bastante successo, taes como *Rosa Bianca*, *Guido*, *Alcibiade*, premiado pelo Governo, e diversos mais que não nos occorrem á memoria. Cavallotti publicou ainda diferentes volumes de Poesias lyricas e Politicas e uma notavel traducção dos «*Fragmentos de Tyrteo*». Eleito muito vezes deputado ao Parlamento real, manifestou-se sempre um brilhantissimo orador, causando em geral os seus discursos e as suas interpeações coroadas de tempestades de applausos, serias difficuldades aos homens do Governo. Com Cavallotti, pode-se bem dizer, desapareceu a mais sympathica e a mais popular figura da democracia italiana.

#### O barão Harden-Hickey.

As suas violentas polemicas, os duellos em que esteve empenhado, fizeram do barão Harden-Hickey uma personalidade em evidencia em Paris.

Nascido nos Estados-Unidos, contava vinte annos em 1873, quando veiu a esta capital, a fim de destinar-se á carreira das armas. N'esse intuito, seguiu os cursos da Escola de Saint-Cyr, que dentro em pouco abandonou, seduzido pelos encantos dos boulevards.

Comprou um titulo de conde romano, creou o *Triboulet*, jornal, e proclamou-se, um dia, defensor dos principios monarchicos.

Edmundo About e Aurélien Scholl, entre outros, promoveram contra esse americano entusiasta e um pouco phantastico, uma campanha

infatigavel; e entre o *Evénement*; desde 1880 até 1882, e o *Triboulet*,



Harden-Hickey.

estabeleceu-se renhida polemica.

Harden-Hickey batia-se pelo menos uma vez por mez: Taine, Philippe Dubois, de Dyon foram seus adversarios, sem contarmos muitos outros. O seu duello com Aurélien Scholl merece menção especial, porquanto — facto curioso — durou muitas semanas. Achando-se o barão em Bruxellas, Scholl por tres vezes fez a viagem de Paris á capital belga, sem que o encontro se pudesse effectuar. A policia sempre achava meios de o impedir, até que nos arredores de Malmédy, realisou-se uma manhã o duello, que durou uma hora e um quarto!

Sabendo manejar a espada com rara dextreza, o barão Harden era um bravo.

O *Triboulet* succumbiu ao peso de processos intentados contra o seu director. As multas a que foi forçado o jornal, subiram, nos dez annos de sua existencia, á somma de trezentos mil francos.

Depois de tantas façanhas em França, partiu para a America, desembarcando, com uma pequena escolta, na ilha da Trindade, da qual se proclamou senhor absoluto. E adoptou, então, o titulo de principe da Trindade.

Mas em um hotel de El Pajo, suicidou-se, no começo de fevereiro, o americano original, de quem A. Scholl disse em uma quadra:

Il naquit en Amérique,  
A Boston, au fond d'un bar,  
Où son père, homme pratique,  
Vendait du bœuf et du lard.



# LEÇONS DE CHANT

## ILS ÉTAIENT TROIS PETITS CHATS BLANCS

Poésie de JEAN LORRAIN. — Musique de GABRIEL PIERNÉ, publié avec l'autorisation de M. L. GRUS, éditeur, place Saint-Augustin.

### MANIÈRE D'INTERPRÉTER

*Ils étaient trois petits chats blancs.*

Je crois inutile de présenter M. Gabriel Pierné à mes lecteurs, ce jeune compositeur est à l'heure actuelle un des premiers parmi les premiers de l'école française.

Ses succès comme symphoniste, comme mélodiste et enfin l'opéra *Vendée*, qu'il a fait représenter sur le Grand-Théâtre de Lyon, ont attiré sur lui l'attention du monde musical et aussi celle du public *dilettante*. Aussi, suis-je heureux, de l'autorisation qui m'est donnée par l'aimable éditeur M. Grus, de faire paraître la charmante poésie de M. Jean Lorrain et la délicieuse musique de M. Pierné. Je ne connais rien de plus frais, de plus pimpant, d'aussi gracieux que ce petit poème des *Trois petits chats blancs*, ni rien de plus gracieusement léger, ni de plus spirituellement écrit que la musique qui l'accompagne.

L'analyse de ce petit morceau délicat est assez simple; il n'est pas besoin pour le chanter d'avoir beaucoup de voix, il faut surtout le bien dire; il faut également accompagner avec beaucoup de légèreté et sans enfoncer les touches. Le mouvement est vif, sans précipitation cependant, car il faut éviter le *bredouillement*. Je promets un véritable succès à ceux de mes lecteurs qui diront et prononceront clairement.

Commencez *piano* et légèrement : « Ils étaient trois petits chats blancs toujours pomponnés de rubans, le premier au coin de l'oreille »; augmentez un tout petit peu la voix et diminuez-la presque aussitôt sur le mot « rose » : « portait une rose vermeille, le deuxième un rouge pavot »; accentuez un peu : « large et pesant coquelicot »; élargissez légèrement le milieu de la phrase suivante : « et le troisième avait derrière une jaune rose trémière »; dites sur la plénitude de la voix : « surveillés par un vieux corbeau, haut juché sur un escabeau »; *piano* : « ils entouraient une soupière ». La phrase suivante doit se chanter en augmentant la voix jusqu'au *mi dièse* : « Et le bouillon qui mijotait n'était pas brouet de sorcière »; pour la phrase qui suit, le compositeur a marqué *tendrement*. J'ai la certitude de ne pas exagérer sa pensée en indiquant que : « Mais bouillon d'herbe et de poulet » doit se dire en se délectant, et pourrait se traduire ainsi : *Dieu de Dieu! que cela va donc être bon !!* Reprenez le premier mouvement et dites légèrement : « ils étaient trois petits chats blancs toujours pomponnés de rubans ». Conservez le *mi* jusqu'au dernier accord.

### QUELQUES CONSEILS

#### *La mue de la voix.*

La mue de la voix est le phénomène qui se produit durant l'adolescence, c'est-à-dire au moment où à un certain âge, les jeunes gens et les jeunes filles passent de la voix infantine à la voix d'homme ou de femme.

On ne saurait s'entourer de trop de précautions lorsqu'il s'agit de faire commencer à chanter les jeunes gens et les jeunes filles; ces dernières surtout. L'âge importe

peu; certaines jeunes filles peuvent commencer les études du chant à 14 ans, d'autres ne le pourraient pas sans danger à 18. Chez les unes, la mue est accomplie; chez les autres, beaucoup moins précoce, la voix est restée infantine.

Ce phénomène de la transformation de la voix est encore peu connu; les médecins spécialistes, malgré leurs recherches, sont encore à cet égard dans une ignorance presque absolue. Cela est compréhensible, puisqu'il est impossible de dire, en examinant les cordes vocales au *laryngoscope*, si le sujet a passé la mue.

Eh bien! me direz-vous, à quel moment pourrions-nous faire commencer les études du chant à nos enfants?... Allez tout simplement trouver un professeur de chant expérimenté, faites-lui entendre votre fille et s'il constate que les notes basses de la voix sont émises en voix dite de *poitrine*, il pourra sans danger vous conseiller de travailler prudemment le chant. Si, au contraire, les sons de poitrine n'existent pas encore, il faudra s'abstenir, car l'absence de ces notes est un indice certain que la voix est encore infantine.

Chez les jeunes gens, la mue est plus tardive, et il n'est pas rare de rencontrer de grands garçons de 18 à 20 ans chez lesquels le travail de la mue ne s'est pas encore effectué; pour ces derniers, il suffira en les entendant de constater que la voix infantine a disparu pour faire place à la voix d'homme; cependant, le maître sera prudent en s'assurant s'il n'y a pas un petit *râle* sur la voie et aussi une certaine difficulté pour passer d'un son à un autre; on devra également s'assurer que les petits accidents que je viens de signaler ne sont pas dus à la contraction de l'appareil vocal. Quoiqu'il en soit, je ne saurais trop recommander aux jeunes gens qui se destinent à l'art du chant, de ne commencer leurs études qu'autant qu'ils auront la *certitude* que le travail de la mue sera *complètement* accompli. Sans cette sage précaution, ils devront renoncer à tout jamais à posséder une voix quelconque... même mauvaise!

Je sais des professeurs qui ne tiennent aucun compte de cette époque de transformation de la voix; parmi ceux-ci, il faut placer au premier rang les professeurs de solfège.

C'est dans les écoles, les pensions, les collèges, les couvents, où l'on tue le plus de voix. Je n'ignore pas que beaucoup de professeurs de chant se chargent également de ce soin; mais, pour ces derniers, les élèves n'ont pas besoin d'être dans la période de la mue; ils puisent dans leur enseignement tout ce qui est nécessaire au *cassage* des voix (qu'on me passe cette expression) les mieux trempées... Mais revenons au solfège.

Le surmenage pendant les études du solfège est la cause principale de la pénurie des voix. Les professeurs de solfège disent à leurs élèves : « Allez donc! je ne vous entends pas, donnez plus de voix!... » Les malheureux élèves n'en peuvent plus et un jour vient, ils ne peuvent plus chanter du tout.

Conclusion : Je ne saurais trop conseiller aux parents qui font étudier la musique à leurs enfants, d'exiger du professeur de solfège qu'il fasse chanter l'élève tout à fait à voix basse et qu'il n'emploie que des solfèges en rapport avec la voix de l'enfant, c'est-à-dire, ni *trop haut* ni *trop bas*; je conseille par dessus tout les *dictées musicales*.

Je termine en demandant aux parents de se bien pénétrer de cette idée : que la perte de la voix de leurs enfants provient surtout des études du solfège, faites le plus souvent, dans des conditions désastreuses. Le jour où il en sera autrement, les belles voix seront beaucoup moins rares que l'on ne pense.

P. MARCEL.

# 2<sup>ème</sup> Leçon de Chant

A Simone BERNHARDT.

HISTOIRE DE BÊTES

Paroles de  
JEAN LORRAIN.

Musique de  
G. PIERRE.

## ILS ÉTAIENT TROIS PETITS CHATS BLANCS

All. vivo.

PIANO.

*p* légèrement.  
Ils taient trois petits chats blancs. Tou-jours pom-pou-

nés de ru-ban. Le pre-mier au coin de l'oreil-le. Pur-

tail u-ne ru-se voir, meil-le. Le deu-

xième qui rou-ge pa-voit. Large et pe-sant co-que-li-

cot. Et le troi-sième a-vait der-rière

re. U-ne jau-ne co-se très-mie-re

L. G. 5010 (3)

Surveil-lés par un vieux cor-beau. Haut ju-ché

sur un es-ca-beau. Ils en-lou-raient u-ne sou-pière

Et le bouil-lon qui mi-joi-tait. Ne-tait

pas brun-et de sur-cie-

L. G. 5010 (5)

re. Mais bouil-lon d'herbe et de-pou-

let. Ils

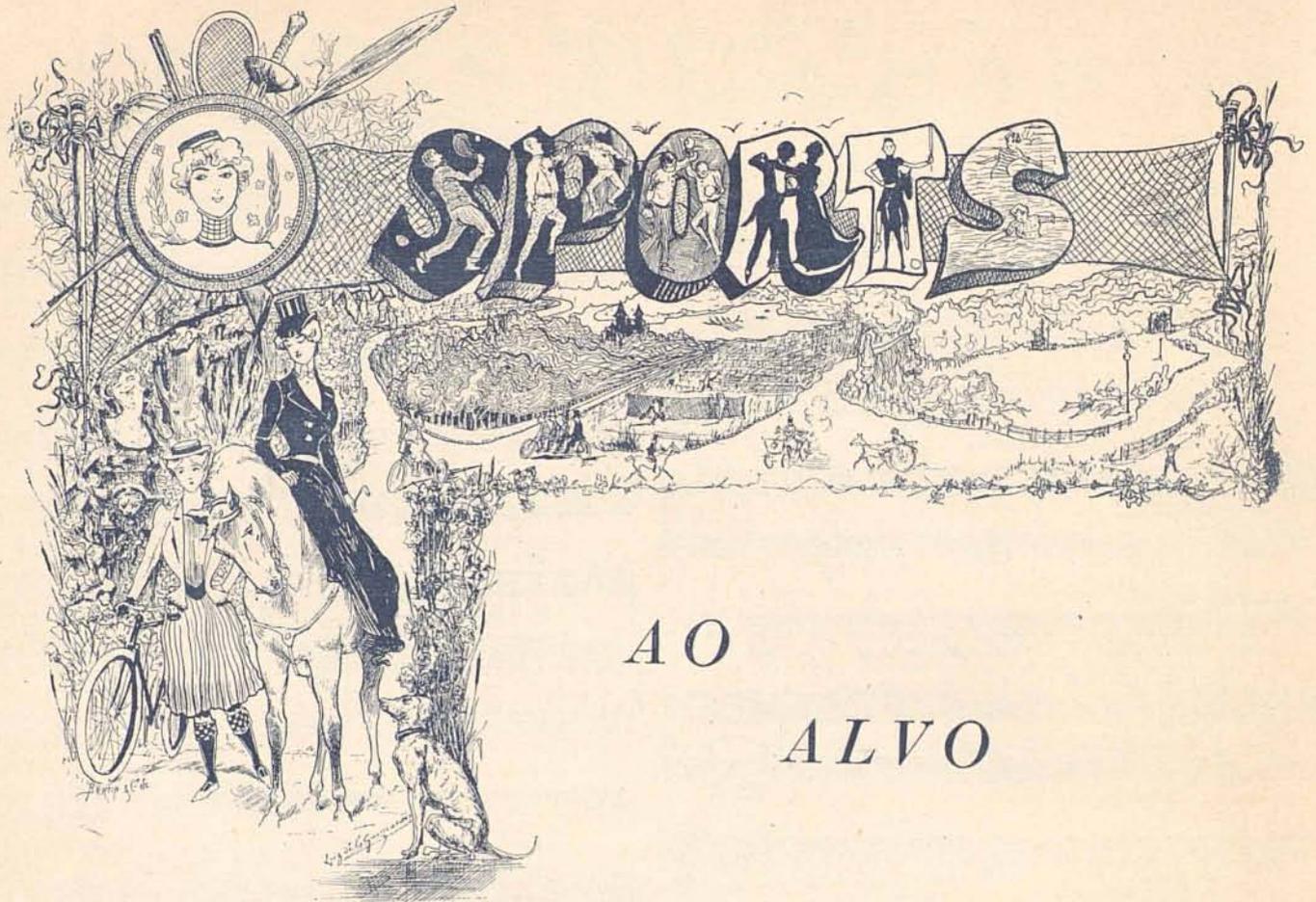
taient trois pe-tits chats blancs. Tou-jours pom-pou-

nés de ru-bans.

M<sup>me</sup> ROUSSEL, Graveur.

L. G. 5010 (5)

Imp. E. DELAY, 49, rue B. de



## AO ALVO

**A** TIRAR ao alvo é, seguramente, um dos mais velhos sports.

« A arte de visar e attingir um alvo nasceu com a humanidade, disse John Freely. »

E para não remontarmos mais longe, lembremos David, que vibrando dextramente a *funda*, abateu Goliath, o philisteo gigante.

A funda, comquanto muito rudimentar e fallivel como arma de ataque, foi usada por soldados, em combates, durante muitos seculos.

Virgilio, o grande poeta latino, nos falla de um rei da Toscana que, na guerra, se servia da funda contra os inimigos.

Entre os mais famosos *frondeurs*, convem citar os habitantes das ilhas Baleares, que se servem da funda com excepcional pericia. Ageis, certos no tiro, sabendo calcular com segurança a força devida, de accordo com a distancia, empregam commumente tres fundas, ao mesmo tempo, arrojando-as tão facilmente com a mão direita quanto com a esquerda. Essa dextreza é adquirida pelos baleares desde os mais verdes annos, em exercicios publicos, nos quaes a distribuição de premios serve de poderoso incentivo.

O arco succedeu á funda; e todo o joven inglez na epocha de Eduardo III possuia um arco de sua propria altura, usualmente feito de madeira flexivel. A corda era de clina de cavallo

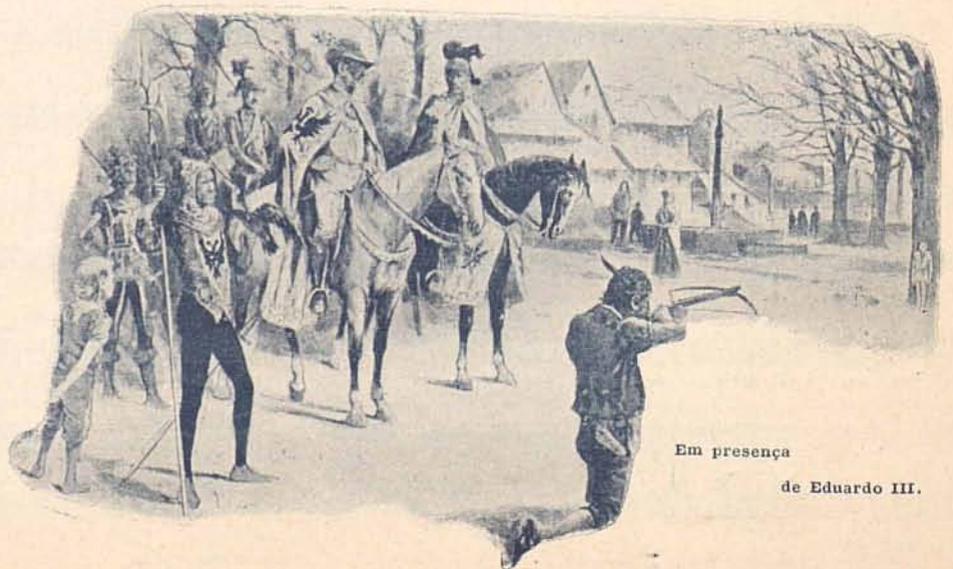
e, algumas vezes, de seda, tendo a flecha a metade da altura do arco.

N'esse tempo, a caçada de gamos constituia o mais delectavel dos passatempos, e Eduardo III, que habilmente manejava o arco, presidia, a cavallo, e sumamente interessado, a todos os *matches*.

Referem as chronicas coevas que uma vez, em sua presença, um de seus subditos renovou com successo a legenda helvetica de Guilherme Tell.

Hoje só se atira a flecha como um passatempo nas regiões visitadas pela civilisação; mas não ignora o leitor quanto isso está em uso entre as tribus selvagens da Africa e da India.

Albert Smith, de quem a historia dos varios sports tem merecido especial attenção, descreve o *boomerary*,



Em presença  
de Eduardo III.

muito usado, ha meio seculo, pelos estudantes de Oxford e Cambridge.

É, mais ou menos, o que se vê entre os negros da Africa, os quaes lançam pequenos páos a prodigiosas alturas ou a uma grande distancia, com admiravel certeza de alvo.

Buffalo-Bill, o celebre atirador americano, era já grandemente apreciado nos Estados-Unidos, quando se revelou em Paris, durante a Exposição de 1889; encorajado pelo successo, percorreu, em seguida, varias cidades da Europa, suscitando, notavelmente em Bruxellas e Vienna, justificado enthusiasmo.

Em um cavallo á redea solta, a toda velocidade, enquanto um indio que o acompanha, vae lançando ao ar laranjas ou espheras de gesso, Buffalo-Bill aponta, e ao tiro de sua carabina cáem esphacelados os pequenos globos brancos.

Imitadores do bravo *cow-boy*, appareceram mais tarde atiradores; nenhum, porém, attingiu á perfeição do mestre.

Quando o Dr. Carver, outro atirador americano, cujo nome é tambem bastante conhecido, esteve em Londres, mereceu da imprensa ingleza as mais encomiasticas referencias. Varava um charuto, que um corajoso companheiro fumava a dez metros de distancia, e se offerecia a reproduzir, com um espectador confiante, a scena de Guilherme Tell com o filho.

A proposito do charuto visado como alvo, ha, evidentemente, ensejo para mais de um estratagema.

Conta um viajante que, achando-se uma noite em Edinburgo, onde assistia, em um circo, á exhibição de um atirador, sobre o nome do qual immensas réclames attrahiam a attenção publica, offereceu ao Sr X., que complacientemente deixava varar o seu charuto pelo famoso atirador, um charuto de Havana.

— Não, recusou elle, agradecendo, prefiro fumar os do professor Y.

Poderia ser-lhe objectado que inutil lhe era fumar,



Heels e o negro Sambo.



Buffalo-Bill.

n'aquelle momento, qualquer charuto, porquanto bastava tel-o preso aos dentes; mas a boa razão da recusa era a impossibilidade em que se acharia o professor, de apresentar aos espectadores um charuto ferido por sua carabina.

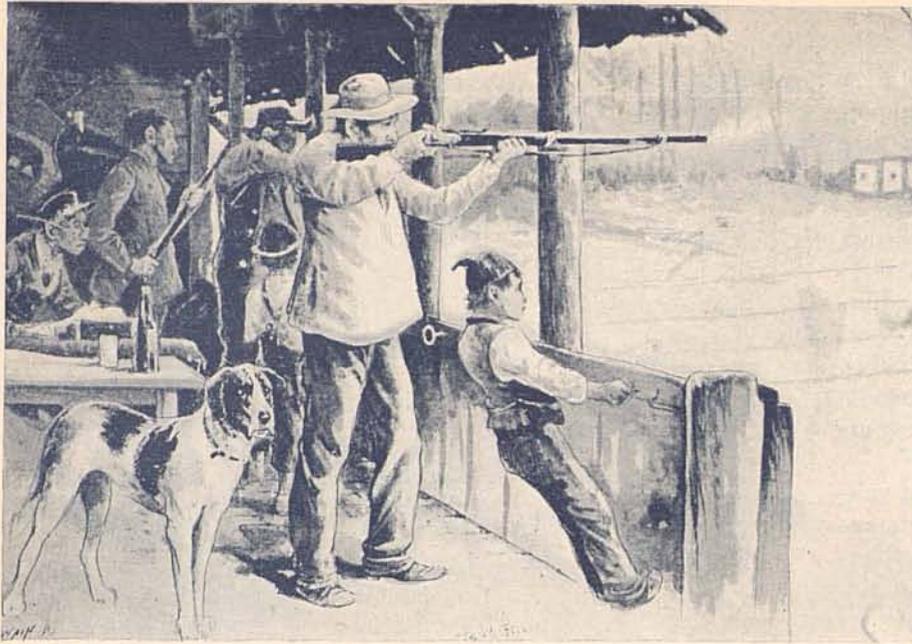
Snapshot, nome de guerra de um atirador que a Inglaterra muito applaudiu, visava tambem charutos e cigarros. Uma vez, em um circo, em S. Francisco, na California, viu um espectador que adormecêra, tendo á bocca um havaña. Incredulo, um americano lhe pediu que reproduzisse com o individuo que, claramente, não era um « compadre », a scena que com tanta habilidade elle acabava de representar. Snapshot, sem replicar, visou o charuto que, cahindo dos labios do espectador, o accordou em sobresalto.

Entre as atiradoras, deve-se, como *prima inter pares*, declinar o nome de miss Lottie Duckfoot, a qual, vestida de vivandeira, tem percorrido, ao som de ruidosas palmas, a Inglaterra e o seu paiz natal, a grande republica norte-americana.

*Heels*, outro atirador digno de menção, atira nas mais extravagantes posições, inclusive de pernas para o ar. Com o negro Sambo, que, timorato e comico, o acompanha, *Heels* reproduz a façanha do heróe suíço, porem com uma variante: atira de costas, servindo-se de um pequeno espelho.

Uma laranja ou uma maçã, que Sambo se apressa em comer, depois de ter sido varada pelo emerito professor, serve de alvo a *Heels*, a quem denominam o « Guilherme Tell moderno ».

Chin-Chow-How é chinês. Inexcedivel jongleur, visa com facas um rapazinho que o acompanha, e que se apoia a um grande quadro de madeira. Com uma firmeza nunca dementida e que arranca exclamações de susto e de admiração a todos os espectadores, Chin-Chow-How desenha, com agudos punhaes, o



Atiradores suíços.

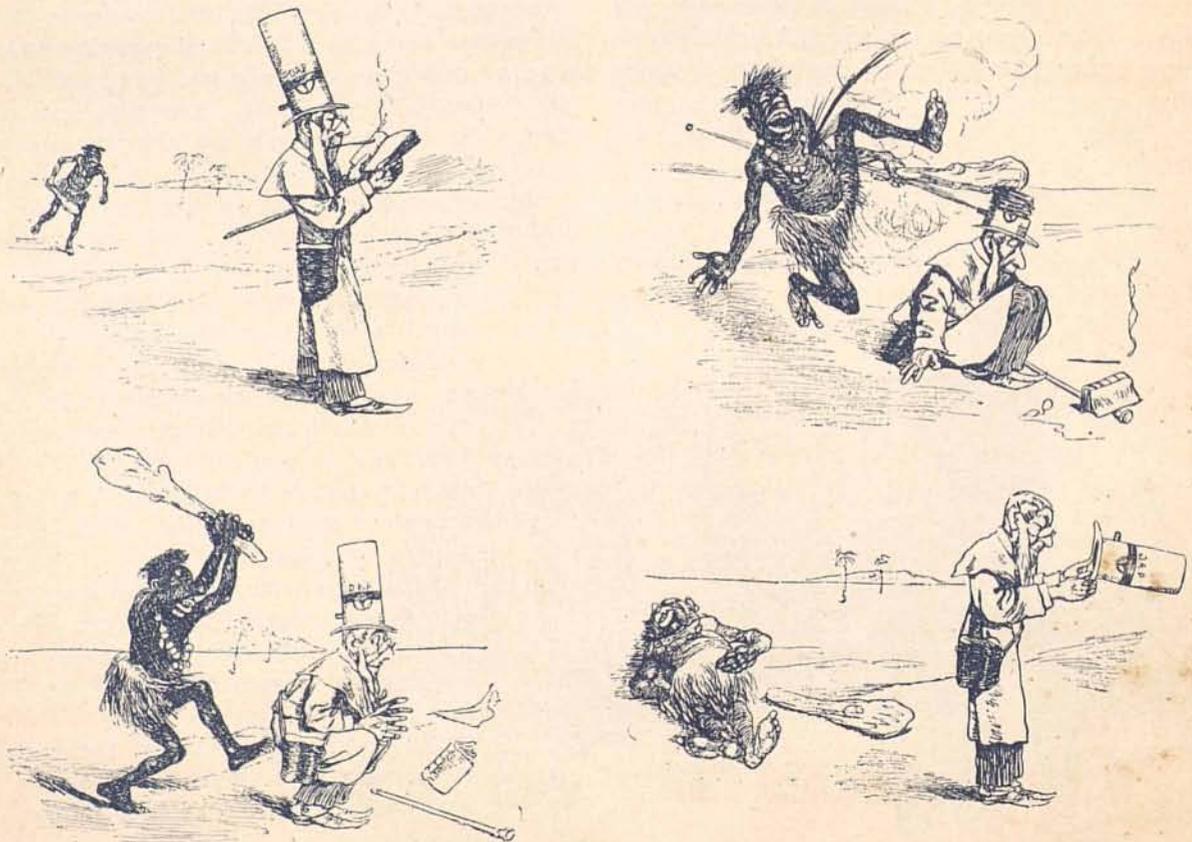
contorno do seu companheiro, sem que um só golpe toque de leve nas roupas ou no corpo do corajoso menino que lhe serve de alvo.

Um divertimento bizarro deliciou Henrique VIII. Conta-se que, sustentado por um pé, tendo uma das pernas amarrada ao peito, um de seus subditos fez, em

continuo, ao som dos tiros, essas florestas gigantescas.

Os boers, do sul da Africa, são caçadores destemidos. E segundo relatam viajantes que têm visitado a prospera republica do Transvaal, os boers atiram com uma precisão infallivel, executando no tiro ao alvo verdadeiras façanhas.

## HISTORIA COMICA



O CHAPEU REVOLVER



## MATHIEU-DEROUCHE

39, Boulevard des Capucines, 39 — PARIS

ASCENSEUR

TÉLÉPHONE

Reproduções de retratos, obtidas pela photographia, em miniaturas sobre marfim e sobre **esmaltes inalteraveis** vitrificados como as porcelanas de Sèvres, conservando-se em todos os climas resistindo ao calor, á luz e á humidade.

Casa fundada em 1866. — Medalhas de ouro nas exposições universaes de Pariz 1878, 1889.

Membro do Jury 1893. — Membro dos *Comités* d'admissão da Exposição de 1900.

ENVIA-SE GRATUITAMENTE O CATALOGO DETALHADO

Procurem em todos os Ferragistas e Bazares

## O INCOMPARAVEL SABONETE MONKEY BRAND

*Sem Rival para limpar toda a especie de metal*

*Renova completamente dando o lustro primitivo*

## O SABONETE MONKEY BRAND FABRICADO POR BROOKE'S

é empregado nas melhores casas da EUROPA e AMERICA

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

**MABY & C<sup>o</sup>**  
Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e ingleza. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

*Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições*

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.

Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA

**MABY & C<sup>o</sup>**

ANTUERPIA

38, Rue du Quai

38, Rue du Quai



**J. COSTA & C<sup>o</sup>**

**BOOT-MAKERS · BOTTIERS · ZAPATEROS**

277, RUE SAINT HONORÉ, 277

( PRÈS DE LA RUE ROYALE )

**PARIS**

TÉLÉPHONE

## ESPINGARDAS DE CAÇA

Carabinas de Escola. Revolvers de 1<sup>a</sup> qualidade

**A. GUINARD**

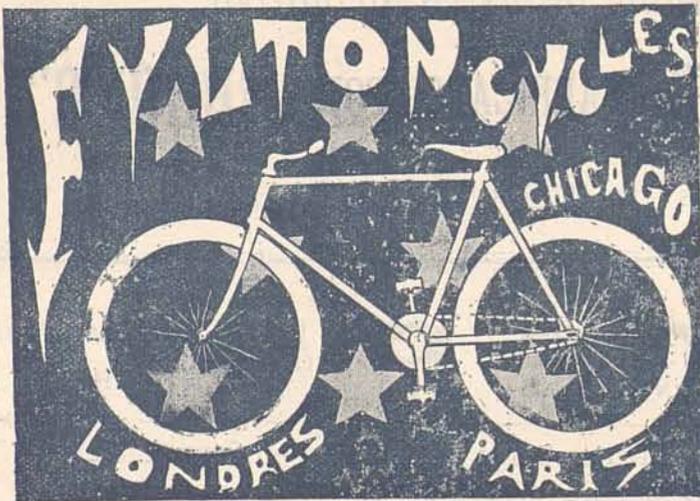
FORNECEDOR DE S. M. EL-REI DE PORTUGAL

PARIZ — 8, Avenue de l'Opéra — PARIZ

Envia-se o Catalogo especial contendo todas as novidades a quem mandar 3 sellos de 25 centimos.



Marca da Fabrica  
da casa Guinard



**OS MAIS SOLIDOS**

**OS MAIS LEVES**

**OS MAIS RAPIDOS**

**OS MAIS BARATOS**

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

## ENXAQUECAS E NEURALGIAS

Uma só dose de **Cerebrine**, elixir agradável, inoffensivo. Quando se toma em qualquer momento de um acesso de Enxaqueca ou de Neuralgia faz desaparecer a dor em menos de dez minutos sem nunca causar inconvenientes — o que tanto o medico como o doente podem verificar immediatamente.

A **Cerebrine** actua maravilhosamente contra o tico doloroso da cara, as neuralgias faciaes, intercostaes, reumaticas, sciaticas e vesicaes, contra o zona (cobreiro), a vertigem estomacal, o lumbago, a extenuação resultante da fadiga, do trabalho à sobreposse ou de um resfriamento e particularmente contra as colicas periodicas das senhoras.

O preço em França, é de 5 fr. o Frasco. Depositos nas principais cidades de Portugal e Brazil.

Pode-se obter a **Cerebrine** por intermedio de todos os pharmaceuticos no Brazil e em Portugal e em Pariz na *Pharmacie du Printemps*, 114, rua de Provence, Pariz.

## MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

CLÉRICE (J.). <i>Ségovie</i> , Dansa hespanhola . . . . .	LIQ.	1 70
CAMILLE ERLANGER, <i>Serenata carnavalesca</i> . . . . .	2	
GALLÉOTTI (C.). <i>Valsa melancolica</i> . . . . .	1 70	
GUIRAUD e SAINT-SAENS. <i>FREDEGONDE</i> , Aria do bailado n <sup>o</sup> 1. . . . .	1	
HAAKMAN (G.). <i>Pendant le bal</i> , Intermezzo-valsas. . . . .	1 70	
LACOME (P.). <i>Berceuse</i> . . . . .	1 35	
MARÉCHAL (H.). <i>Desdemona adormecida</i> . . . . .	1 35	
MULDER (J.). <i>Napolitano</i> , Tarantella . . . . .	1 70	
PESSARD (E.). <i>Les Guêpes</i> , Aria do bailado . . . . .	2	
— <i>La Tzigane</i> , Mazurka . . . . .	2	
PFEIFFER (G.). <i>Chœur des fileuses de KERMARIA</i> . . . . .	1 70	
— <i>Musette et biniou</i> . . . . .	1 35	
SALVAYRE (G.). <i>Albanaise</i> , Dansa. . . . .	2	
SOMA (J.-B.). <i>La Fiesta de los niños</i> , Bolero . . . . .	1 35	
WITTMANN (G.). <i>Marche du Figaro</i> . . . . .	1 70	

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Paris. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

## EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ :

1878. MEDALHA DE OURO

A MAIS ALTA RECOMPENSA  
DADA AOS ADUBOS

1889. FORA DE CONCURSO

MEMBRRO DO JURY  
DE RECOMPENSAS

## SOCIEDADE ANONYMA

DE

## PRODUCTOS CHIMICOS AGRICOLAS

Sede social em BORDEAUX

H. JOULIE, A. e J. LAGACHE, administradores

### ADUBOS ESPECIAES (Formulas JOULIE)

Para cafézeiro, despeza por pé: 0 fr. 12 a 0,20, mais ou menos.  
— cacaoeiro, id. 0 fr. 60 a 0,70, id.  
— canna de assucar, despeza por geira ou 1/5 de hectare, de 50 a 55 francos.

Venda sobre titulos garantidos

INFORMAÇÕES, ANALYSES — LABORATORIOS DE CHIMICA AGRONOMICA  
EM PARIZ E EM BORDEAUX

Dirigir-se aos Administradores da Sociedade:

**30, rua des Allamandiers (BORDEAUX).**  
**15, rua des Petits-Hôtels (PARIZ).**

# COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

Capital realizado : 5.000:000\$000  
Fundos de reserva : 1.036:653\$758

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.

**FABRICAÇÃO EXCLUSIVA DAS SEGUINTE MACHINAS PRIVIL GIADAS :**

**Secador de café : AUGUSTO RAMOS**  
**Descascador de café : EUGELBERG SICILIANO**  
**Despoldador de café : MECHANICA**  
**Separador de arame : AVIGNON**  
**Catador de café : MANFREDI**  
**Batedor mechanico para refinação de assucar : HENZI**

Tem sempre em deposito ferro em barra e em chapas, telhas de zinco, arame farpado e liso, phosphato de cal, cimento, tubos pretos e galvanizados, emfim todos os artigos concernentes a este ramo.

Agentes dos afamados fabricantes de vapores **ROBEY et C<sup>o</sup> L<sup>d</sup>**, **RICHARD HONRSBY et SONS L<sup>d</sup>** (Inglaterra)

AGENTES DE OUTRAS FABRICAS DA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

Escriptorio em Londres : 67, Queen Victoria Street, E. C.

Escriptorio Central : Rua 15 de Novembro, n<sup>o</sup> 36

**SÃO PAULO**

MEDALHA DE OURO  
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO  
DE FRANCFORT

**LUDWIG LEONHARDI**

MEDALHA DE OURO  
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO  
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes  
São-Bernardos  
-----  
Dogues de Ulm  
-----  
Carlindogues  
-----  
Dachshund  
ou  
Bassel  
-----



Dinamarquezes  
Escuros  
e Dinamarquezes  
pintados  
(1<sup>o</sup> premio)  
-----  
Caes pastores  
-----  
Wolf-Spitz  
e  
Pequenos Spitz  
-----

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes  
Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

# Revista Moderna

MAGAZINE BRAZILEIRO E PORTUGUEZ

Direcção de M. BOTELHO

O MAIS COMPLETO E O MAIS ARTISTICO QUE SE TEM FEITO EM LINGUA PORTUGUEZA

PUBLICA QUINZENALMENTE :

Romances, Novellas, Chronicas, Actualidades, Politica Internacional, Viagens, Modas, Sport, Supplementos Musicaes, Retratos artisticos e Illustrações em Côres

Brevemente será posto á venda no BRAZIL e PORTUGAL

## O PRIMEIRO VOLUME DA REVISTA MODERNA

Contendo **400** paginas em magnifico papel, mais de **450** illustrações e **6 hors-textes** verdadeiras gravuras de arte

**2 Supplementos musicaes e 2 Supplementos de Modas**

COLLABORADO PELOS EMINENTES ESCRIPTORES :

### Eça de Queiroz

Eduardo Prado — Trindade Coelho — Conde de Ficalho — Magalhães de Azeredo — Conde d'Arnos — Batalha Reis — João da Camara — Domicio da Gama — Jayme de Séguier — Maria Amalia Vaz de Carvalho — Christovam Ayres — Conde de Sabugosa — Henrique Lopes de Mendonça — Xavier de Carvalho — Fontoura Xavier — Mariano Pina — José Pessanha — Arnaldo Fonseca — Domingos Guimarães — Pereira de Sampaio — Luiz de Magalhães — Alfredo da Cunha — Abel Botelho — José Sarmiento — Henrique de Vasconcellos — Filinto d'Almeida — Silva Bastos — Anthero de Figueiredo — Coelho de Carvalho — Camara Lima — Raymundo Corrêa — A. da Cunha, etc.

Tendo a empresa da Revista Moderna resolvido uma limitada tiragem pedimos aos nossos leitores que desejarem possuir o nosso *Primeiro* volume que façam com antecedencia os seus pedidos a todos os nossos agentes em Portugal e Brazil.

A REVISTA MODERNA assigna-se em todas as Livrarias

PREÇO DAS ASSIGNATURAS :

BRAZIL		UNIÃO POSTAL		PORTUGAL	
Um anno . . . . .	50\$000	Um anno . . . . .	40 francos	Um anno . . . . .	10\$000
6 mezes . . . . .	30\$000	6 mezes . . . . .	24 " "	6 mezes . . . . .	5\$500
Numero avulso . . . . .	2\$500	Numero avulso . . . . .	2 " "	Numero avulso . . . . .	500